

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**O JORNALISMO DE CACO BARCELLOS NO LIVRO
“ABUSADO: O DONO DO MORRO DONA MARTA”**

KARINE MENDONÇA DOS SANTOS ESCOBAR

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

O JORNALISMO DE CACO BARCELLOS NO LIVRO
“ABUSADO: O DONO DO MORRO DONA MARTA”

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/Jornalismo.

KARINE MENDONÇA DOS SANTOS ESCOBAR

Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré
Coorientadora: Prof^ª. Dra. Gabriela Nóra.

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **O jornalismo de Caco Barcellos no livro “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta”**, elaborada por Karine Mendonça dos Santos Escobar.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Muniz Sodré de Araújo Cabral
Pós-doutor pela Université Paris-Sourbonne (Paris IV).
Departamento de Comunicação – UFRJ

Coorientadora: Prof^a Gabriela Nóra
Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Gabriel Collares Barbosa
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação – UFF

Prof. William Dias Braga
Pós-doutor pela Universidad Complutense de Madrid.
Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO
2014

FICHA CATALOGRÁFICA

ESCOBAR, Karine Mendonça dos Santos.

O jornalismo de Caco Barcellos no livro “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta”.
Rio de Janeiro, 2014.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade
Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientador: Muniz Sodré

Coorientadora: Gabriela Nóra

ESCOBAR, Karine Mendonça dos Santos. **O jornalismo de Caco Barcellos no livro “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta”**. Orientador: Muniz Sodré. Coorientadora: Gabriela Nóra. Monografia em jornalismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. Rio de Janeiro, 2014.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo fazer uma análise do livro-reportagem “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta” do jornalista brasileiro Caco Barcellos. Lançado em 2003 pela editora Record, o livro tem como personagem principal o emblemático Márcio Amaro de Oliveira, mais conhecido como Marcinho VP, chefe do tráfico de drogas de uma das principais favelas do Rio de Janeiro na década de 80, a Santa Marta. Serão discutidos os conceitos de jornalismo investigativo e antrojornalismo, além de outras questões pertinentes à obra, como sua estrutura narrativa – o jornalismo literário e o livro-reportagem – e os aspectos éticos envolvidos na apuração e produção do livro, especialmente a relação entre jornalista e fonte.

PALAVRAS-CHAVES: CACO BARCELLOS, JORNALISMO INVESTIGATIVO, JORNALISMO ANTROPOLÓGICO, JORNALISMO LITERÁRIO, LIVRO-REPORTAGEM.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, que tanto planejaram e contribuíram para que o sonho de ingressar e se formar em uma faculdade de jornalismo se tornasse real, dando todo apoio necessário sempre que precisei.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, gostaria de agradecer aos professores que tive o prazer de conhecer durante os cinco anos do curso de jornalismo e que tanto contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, me apresentando a uma enorme bagagem teórica e cultural que levarei comigo para o resto da vida. Finalizar esta etapa da vida é contraditoriamente uma alegria sem tamanho e uma tristeza irreparável, pois a felicidade de se formar na profissão que sempre sonhei se mistura com o pesar de dar adeus a um ciclo que só me trouxe coisas boas. Vou sentir falta, muita falta, da faculdade e de tudo que vivi na Escola de Comunicação da UFRJ. Obrigada a todos que fizeram parte dessa incrível trajetória, que eu lembrarei pra sempre com muito carinho e saudade.

Além disso, só tenho a agradecer a Deus, por ter me proporcionado saúde e sabedoria durante todo o percurso, e aos meus amados pais, que me deram todo suporte emocional necessário do princípio ao fim e que tornaram possível a realização deste sonho. Não foi fácil terminar esta monografia: trabalhando de segunda a sábado e chegando em casa exausta todos os dias, concluir esta etapa fundamental do curso exigiu muita determinação, noites em claro e domingos inteiros em frente ao computador. A falta de tempo e a complexidade e abrangência do tema escolhido tornaram o desafio ainda maior. No entanto, com a ajuda de Deus e dos meus orientadores, a finalização deste trabalho tornou-se possível.

Agradeço imensamente a todos que me apoiaram e que contribuíram para minha formação em jornalismo, profissão que desde sempre escolhi para a minha vida.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. O JORNALISMO DE CACO BARCELLOS

2.1. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

2.2. JORNALISMO INVESTIGATIVO E ANTROPOJORNALISMO

3. ESTRUTURA NARRATIVA: O JORNALISMO LITERÁRIO E O LIVRO REPORTAGEM

4. O LIVRO ABUSADO: O DONO DO MORRO DONA MARTA

4.1. A OBRA

4.2. ÉTICA E A RELAÇÃO ENTRE JORNALISTA E FONTE

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. INTRODUÇÃO

Quando se entra em uma faculdade de jornalismo, antes mesmo de começar a aprender o lado prático da profissão, o aluno é apresentado a toda carga teórica do curso, que enriquece o seu universo, ensinando questões fundamentais para um jornalismo de qualidade, e o apresenta reflexões importantes geradas por jornalistas e pensadores ao longo dos estudos de comunicação social e seu papel para a sociedade. Sem esta abordagem teórica, o futuro jornalista não tem uma base sólida e crítica em sua formação. Ao pular esta parte – seja por conta da grade curricular do curso ou pelo desinteresse pessoal do aluno – causa-se um déficit em sua formação, que fica comprometida. Sem o conhecimento teórico é possível apenas produzir um jornalismo superficial e inconsistente, sem nenhuma bagagem crítica e reflexiva.

O jornalismo hoje nas grandes redações segue o modelo norte-americano de produção, priorizando o famoso *lead* onde as informações são transmitidas ao leitor de maneira hierarquizada e organizada, respondendo às questões mais importantes logo no início da matéria. A objetividade, neutralidade e imparcialidade são diretrizes que devem ser seguidas pelo jornalista, em um trabalho que, na prática, é quase robotizado. Especialmente nesta década, onde a internet já ocupou seu lugar como lócus de informação online e fulltime, a busca pelo furo da notícia é algo cada vez mais cobiçado e difícil de se obter. Por conta disso, a pressa em se obter a notícia em primeiro lugar tem levado os jornalistas a uma apuração cada vez mais rápida, superficial e incompleta.

Na contramão disso, encontramos alguns profissionais que buscam cada vez mais um aprofundamento maior nas produções jornalísticas, ressaltando a importância de estender as abordagens e ângulos de um fato. Se no jornalismo ideal o nariz de cera deve ser evitado, no jornalismo literário – vertente que apresentaremos mais profundamente no capítulo 2 – ele é extremamente utilizado. Pois aqui não importa o furo de notícia, a rapidez e a superficialidade. Muito pelo contrário: no jornalismo literário cabe espaço não apenas para o aprofundamento de uma matéria, mas também para seu aperfeiçoamento estético, utilizando-se para isso muitas características da literatura. E o hibridismo entre o gênero literário e jornalístico é uma das vertentes a serem estudadas nesta monografia, bem como seu maior expoente: o livro-reportagem.

Outra questão importante ensinada nas faculdades de jornalismo é sempre ouvir todos os lados de um fato. Esta busca pelo maior nível de imparcialidade possível, embora esta seja uma premissa polêmica e contraditória, é fundamental na descoberta da verdade e em sua transmissão para o leitor. No entanto, um grande problema dos veículos de comunicação hoje – e que é duramente criticado por alguns especialistas e até mesmo pelo público – é a questão do descompromisso com a busca pela neutralidade e imparcialidade. As linhas editoriais e interesses financeiros de cada veículo prejudicam extremamente essas diretrizes, tão importantes para a função primordial do jornalismo que é informar o público sobre os fatos em sua verdade e totalidade. Como afirma o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação” (FENAJ, 2008). Porém, grande parte da mídia hoje atua a serviço da financeirização do mundo e dos interesses do capital. E isso não significa propriamente mentir para o leitor, mas uma omissão ou até mesmo manipulação da informação, evidenciando ou atenuando as questões que os convém. Desta forma, a responsabilidade e ética da profissão ficam comprometidas em nome de interesses particulares.

Devido a essas limitações impostas explicita ou implicitamente pelos veículos de comunicação, muitos jornalistas seguem um caminho paralelo para produzir um jornalismo mais completo e comprometido com a verdade. Muitos escolhem apurar, por conta própria, determinados assuntos que são vetados pelos veículos ou que simplesmente não podem ser abordados de forma muito abrangente e complexa, já que o jornalismo cotidiano é voltado para as *hard news*. E mesmo quando se abre um espaço maior para determinado assunto, produzindo-se reportagens especiais, ainda assim há temas que são tão extensos e possuem tantos desdobramentos que não seria possível dedicar apenas algumas páginas para tratá-los. São assuntos que exigem muito tempo de pesquisa, apuração e dedicação por parte do profissional, que muitas vezes leva anos para concluir um projeto. E é nesta lacuna que entra o jornalismo investigativo e o antropojornalismo, resultando em muitos casos em grandes livros-reportagens.

Um desses casos que abordaremos mais profundamente neste estudo. ““Abusado: o Dono do Morro Dona Marta”” é o terceiro livro lançado pelo renomado jornalista brasileiro Caco Barcellos, que se consagrou na carreira produzindo inúmeras reportagens

investigativas sobre as minorias e as injustiças sociais. Lançado em 2003 pela editora Record, o livro se tornou um *best-seller* e ganhou vários prêmios ao contar a vida do chefe do tráfico Márcio Amaro de Oliveira (mais conhecido como Marcinho VP), do crime organizado e da favela Santa Marta no Rio de Janeiro, trazendo ao público um novo ângulo sobre realidades até então pouco exploradas pela mídia e pouco conhecidas pelos brasileiros. Nesta obra, Caco Barcellos entra no submundo do narcotráfico e mantém uma relação próxima com um traficante para entender melhor o *modus operandi* desta complexa engrenagem que está presente não apenas no Brasil, mas em todo o mundo.

Esta monografia foi dividida em três capítulos, de modo a ser possível compreender todos os aspectos envolvidos na produção do livro. Em seu primeiro capítulo, será explorado o jornalismo de Caco Barcellos, apresentando a trajetória profissional do repórter e seu percurso até se consagrar não apenas como jornalista, mas também como escritor após produzir três grandes livros-reportagens sobre diferentes temáticas. Sua preferência por investigar e estudar temas pouco explorados com abrangência pela grande mídia, especialmente denúncias sociais, o aproximaram do jornalismo investigativo e do antropojornalismo, conceitos também abordados no capítulo inicial deste estudo. Conhecer o autor e seu estilo jornalístico é uma escolha fundamental para que possamos melhor compreender sua obra “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta”, que será analisada nos capítulos seguintes.

No capítulo 2, buscaremos compreender a estrutura narrativa escolhida por Caco Barcellos para escrever o livro, analisando as características estilísticas da obra. Dessa forma, conceitos como *new journalism*, jornalismo literário e livro-reportagem serão abordados, conhecendo melhor suas características, suas definições e a forma como estão presentes em “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta”.

Por fim, o terceiro capítulo foi dividido em dois subcapítulos. O primeiro se dedica a explicar o conteúdo do livro, de forma a esclarecer ao leitor que não leu a obra suas características principais, como a história contada, os personagens principais, os recursos utilizados pelo autor, a contextualização histórica e outros pontos importantes que são necessários para apresentar o objeto de estudo desta monografia.

Já o último subcapítulo se propõe a analisar as questões éticas envolvidas na produção do livro, como a relação entre o jornalista e a fonte, a escolha narrativa

(romantizada), a veracidade das informações, as técnicas de apuração e pesquisa do jornalista, a omissão de nomes e fatos e a própria temática desenvolvida, entre outros aspectos.

2. O JORNALISMO DE CACO BARCELLOS

Neste capítulo, abordaremos questões pertinentes ao autor da obra que será analisada nesta monografia. Primeiramente, é preciso conhecer o jornalista, sua trajetória profissional e suas características no âmbito do jornalismo. Tal compreensão se faz necessária para compreender as motivações – pessoais e profissionais - que levaram Caco Barcellos a escrever o livro-reportagem “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta”, buscando entender melhor inclusive as questões estilísticas e éticas pertinentes à produção desta obra.

2.1 Trajetória Profissional

Contar melhor a história, em vez de contá-la primeiro. Pesquisar os vários ângulos. E ouvir os dois lados. Essas são diretrizes da carreira do premiado repórter Caco Barcellos.¹

Um dos maiores jornalistas do Brasil, Caco Barcellos é o que pode se chamar de um genuíno repórter. Como costuma frisar em suas entrevistas, ele é o tipo de jornalista que gosta de ir pra campo, procurar histórias, ficar perto da notícia. Embora esta seja uma premissa básica de qualquer profissional do campo jornalístico, Caco Barcellos faz essa tarefa com maestria. Indo muito além dos requisitos básicos que compõem o clássico *lead* tão prezado pelo jornalismo cotidiano dos jornais, ele não se contenta em responder apenas “Quem?”, “O quê?”, “Quando?”, “Onde?”, “Como?” e “Por quê?” quando vai atrás de uma notícia. Procura se aprofundar, ouvir todos os lados da história, analisar todos os contextos envolvidos, humanizando o fato. Por conta disso, durante sua trajetória profissional aproximou-se do jornalismo investigativo, da etnografia e da antropologia. E a qualidade do seu trabalho é reconhecida mundialmente. Certa vez em uma entrevista, ele afirmou: “Se tenho alguma certeza na vida é de que nada é maior que a minha ignorância. Então vou para os lugares para aprender. Vou aos lugares de peito aberto, quero ouvir histórias”².

¹ Perfil Caco Barcellos. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/caco-barcellos.htm>. Acessado em: 19/04/2014

² Entrevista de Caco Barcellos à jornalista Melissa Crocetti. Disponível em: <http://melissacrocetti.wordpress.com/2010/07/14/entrevista-com-o-jornalista-caco-barcellos/>

Caco é um jornalista profundamente envolvido e interessado em casos que envolvam as minorias e as injustiças sociais. Em grande parte dos seus trabalhos, especialmente naqueles em que pôde se aprofundar no assunto, procurou mostrar um lado que o jornalismo diário não costuma mostrar. O lado das vítimas, dos pobres, dos excluídos da sociedade e daqueles que têm pouco espaço na mídia. São inúmeros os exemplos em que atuou desta maneira, evidenciando os problemas sociais existentes no país e no mundo. Em seu atual trabalho na televisão, o programa “Profissão Repórter”, exibido pela TV Globo, escolhe exatamente esses tipos de caso. E embora a proposta do programa seja mostrar os bastidores da notícia e ensinar jovens jornalistas a enfrentar os mais diversos tipos de situações que podem ocorrer em uma apuração, Caco Barcellos o utiliza como uma ferramenta de denúncia social, abordando temas não-convencionais e pouco explorados pelo jornalismo cotidiano. É um jornalismo pesado, um soco no estômago. Ele mostra o lado daqueles que a sociedade vê todos os dias, mas não enxerga. Prefere omitir-se, naturalizar as situações. O lado dos menores infratores, dos bandidos, da prostituição, da miséria, da violência, do abuso de poder, da exploração infantil, do trabalho escravo, entre outros, com o intuito de informar à sociedade o desconhecido (ou pouco conhecido) para transformar, exercendo a função presente na essência no jornalismo (KOTSCHO, 2000).

Em sua carreira, fez incríveis reportagens sobre a guerra civil na Angola, a cracolândia de São Paulo, os abusos e crimes da polícia, os desaparecidos políticos da Ditadura Militar no Brasil, as chacinas da Candelária e do presídio Carandiru e muitos outros casos, sempre em busca da defesa dos Direitos Humanos. Entre uma de suas maiores obras, se não a maior, está a que analisaremos neste trabalho, o livro “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta”, onde o jornalista mergulha em um trabalho etnográfico para mostrar as injustiças sociais e circunstâncias que permeiam a favela e o tráfico de drogas. Em entrevista à jornalista Tatiana Engelbrecht, ele justifica sua escolha:

Uma bronca minha em relação ao jornalismo é que a gente vira as costas a um segmento que é a maioria da população, 70% de pobres. Você não pode se recusar a retratá-los só porque se arrisca a chamar esse povo de herói. Essa história tem que ser contada também. Em geral quem faz esse tipo de acusação é o pessoal que só quer retratar o universo dos Jardins ou da zona sul do Rio, são os jornalistas que não cruzam o túnel Rebouças, porque a pobreza é feia. Posso ser acusado de glamourizar esse mundo

[do tráfico], assumo a crítica, mas vou tentar mostrar a realidade da maioria, com o cuidado que se deve ter.³

Cláudio Barcelos de Barcellos, nome verdadeiro de Caco Barcellos, nasceu no Rio Grande do Sul e, quando jovem, ingressou na faculdade de matemática. No entanto, alguns anos depois percebeu que o que realmente queria era o jornalismo, mudou de curso e em 1975 se formou na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Começou a trabalhar no jornal Folha da Manhã, participou da fundação do Coojornal (a primeira cooperativa de jornalistas da América do Sul) e, após se formar, viajou durante cinco anos pelo mundo para ampliar seus horizontes, tempo no qual ele mandava matérias como freelance para o Jornal da Tarde, em São Paulo.

Em 1979, quando ainda morava em Nova York, decidiu embarcar para a Nicarágua para acompanhar de perto a revolução sandinista que estava acontecendo no país contra o governo de Anastasio Somoza. Desta experiência resultou-se seu primeiro livro-reportagem: “Nicarágua: A Revolução das Crianças”, onde contava aos leitores o que havia acompanhado de perto durante o tempo em que esteve no país. Chegou a ser confundido com um espião norte-americano e foi preso pelos rebeldes. Ao ser levado para o líder do grupo, ficou surpreso em ver que o mesmo não tinha mais de 12 anos. Deste episódio veio a escolha do nome do livro, um verdadeiro documento histórico desse importante momento político da Nicarágua.

Algum tempo depois, de volta ao Brasil, trabalhou na revista Isto é e na revista Veja antes de entrar para a TV Globo, em 1982. Na televisão, com a missão de cobrir os assuntos do dia-a-dia, Caco Barcellos inúmeras vezes foi além do factual e superficial para ir atrás da complexidade das histórias, produzindo grandes reportagens especiais que o destacaram como um profissional que nunca se contentava com o básico, indo sempre em busca de detalhes e informações que enriqueciam as matérias.

Em 1992, lançou seu segundo livro-reportagem, grande expoente do jornalismo investigativo: “Rota 66: A História da Polícia que Mata”, que denunciava os assassinatos cometidos pela Polícia Militar de São Paulo (em especial a Rota Ostensiva Tobias de Aguiar), citando inclusive no livro os métodos de investigação utilizados para coletar as

³ Entrevista de Caco Barcellos para a jornalista Tatiana Engelbrecht da revista Isto é Gente. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoegente/201/entrevista/index.htm>

informações, números e dados oficiais e nomes dos policiais pertencentes ao esquadrão da morte, que torturava e matava jovens de classe média-baixa em São Paulo. Mostrou ainda a conivência dos inquéritos policiais, que em sua maior parte arquivava os casos sem solucionar os assassinatos, protegendo os policiais envolvidos nos crimes. Para escrever o livro, Caco Barcellos investigou durante cinco anos as ações da polícia paulistana, procurando todos os dados possíveis relacionados aos assassinatos. Ouviu testemunhas, foi inúmeras vezes ao Instituto Médico Legal de São Paulo para descobrir maiores informações sobre as vítimas e as circunstâncias das mortes, estudou os inquéritos policiais, analisou os laudos das mortes, cruzou dados, entrevistou parentes e amigos dos jovens assassinados, pesquisou os antecedentes criminais de vítimas e policiais envolvidos, investigou e comparou as declarações dos PMs com os laudos médicos (encontrando contradições) e chegou a uma lista com todos os nomes dos policiais do esquadrão da morte, em um trabalho minucioso e paciente do mais puro jornalismo investigativo. A investigação levou à identificação de 4.200 vítimas, sendo a maioria deles negros e inocentes, sem qualquer tipo de antecedente criminal. Alguns dias após o lançamento do livro, ocorreu em São Paulo a rebelião no presídio Carandiru, deixando 111 mortos e 35 feridos, dentre estes nenhum policial. E muitos dos policiais citados no livro estavam presentes no local no dia do massacre. Neste dia, Caco Barcellos estava lá cobrindo a matéria para a TV Globo e pôde ver de perto os oficiais que denunciou no livro e que continuavam impunes mesmo após tantos crimes. Na ocasião, constatou que os aspectos técnicos contradiziam as declarações dos PMs e que ali havia um cenário nítido de execução, onde não havia qualquer sinal de reação dos presos. Investigou, juntou evidências e fez uma reportagem completa para o Jornal Nacional denunciando as ações dos policiais. Após esta matéria e a publicação do livro, o jornalista sofreu ameaças e passou um tempo fora do país. Um ano depois, em 1993, ganhou o Prêmio Jabuti, o mais importante prêmio literário do Brasil, na categoria Reportagem pelo livro “Rota 66”, além de oito prêmios de Direitos Humanos. O livro é um grande expoente do jornalismo investigativo, quando o jornalista atua, de certa forma, fazendo o papel da polícia no âmbito da investigação e na busca pela verdade omitida dos fatos, dissecando os casos e identificando os envolvidos.

No ano de 2003, lançou seu terceiro e mais famoso livro, “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta”, que lhe rendeu o prêmio Jabuti 2004 na categoria Reportagem e

Biografia. Para escrever o livro-reportagem, contado em forma de romance, aproximou-se da realidade de uma favela carioca, embrenhando-se em suas histórias e em seu cotidiano. Sua principal fonte de informações era o chefe do tráfico na favela, personagem principal da obra, Marcinho VP. Através dele, Caco pôde conhecer melhor como nasce e funciona o tráfico de drogas dentro das comunidades, além de detalhes sobre como é a vida de um traficante. Obteve informações privilegiadas sobre facções criminosas, crimes e traficantes procurados pela polícia, fato que ocasionou severas críticas sobre sua ética jornalística. Após a publicação do livro, repleto de informações até então sigilosas sobre o narcotráfico do Rio de Janeiro, Marcinho VP foi assassinado dentro da prisão por líderes de sua própria facção por “falar demais”, como dizia o bilhete endereçado a ele e interceptado pela polícia dentro da cadeia onde cumpria pena. No capítulo 4, abordaremos de forma mais abrangente como se deu a produção desta obra, suas implicações e as questões éticas envolvidas no processo.

Além de escritor, Caco Barcellos é também um dos maiores e mais importantes repórteres da televisão brasileira, atuando durante anos neste meio de comunicação à frente de programas na Globo News, canal de televisão fechado, e na TV Globo, em programas como o Globo Repórter, Fantástico e Jornal Nacional. Além disso, trabalhou durante muito tempo como correspondente internacional da Rede Globo, enviando matérias de Londres e Paris. Hoje, o jornalista está à frente do programa Profissão Repórter, exibido às terças-feiras, onde mostra os bastidores da reportagem e ensina jovens jornalistas a atuar no dia-a-dia da profissão. Como em seus outros trabalhos, procura sempre apresentar ao público a realidade das minorias e das injustiças sociais.

Vencedor de vários prêmios nacionais e internacionais ao longo de sua carreira, como os prêmios Vladimir Herzog, Jabuti, Comunique-se e o Prêmio Especial das Nações Unidas em 2008 como um dos cinco jornalistas que mais se destacaram nos últimos 30 anos na defesa dos direitos humanos no Brasil, o jornalista pode ser considerado um grande exemplo de repórter que busca colocar em prática uma premissa básica da profissão, mas que nem todos os jornalistas seguem: ouvir o maior número possível de lados de uma história, mostrar um acontecimento sob todos os seus ângulos, buscando sempre investigar e analisar toda complexidade escondida por trás dos fatos em busca da verdade e da contribuição social da profissão.

2.2 Jornalismo investigativo e antropológico

Jornalismo investigativo é algo complexo, trabalhoso e perigoso. Não se assemelha com a rotina natural das redações. Exige talento, tempo, dinheiro, paciência e sorte. (FORTES, 2005, p. 9)

Se há características que podem descrever o tipo de jornalismo praticado por Caco Barcellos, elas podem ser resumidas em duas palavras: investigação e antropologia. Apesar de investigar e apurar serem premissas básicas da profissão e embora alguns autores afirmem que todo jornalismo pressupõe investigação e interpretação (como Raimundo Pereira, José Arbex Jr. e Nilson Lage), falamos aqui em um jornalismo que excede a apuração básica, necessária para a produção de qualquer matéria. Como afirma Mark Lee Hunter, “o jornalismo investigativo não é a cobertura habitual” (HUNTER, 2013, p.8). Ainda segundo ele:

Ao contrário do que alguns profissionais gostam de dizer, o jornalismo investigativo não é apenas o bom e velho jornalismo bem realizado. De fato, ambas as formas de jornalismo focalizam os elementos de quem, o que, onde e quando. Mas o quinto elemento da cobertura convencional, o “por que”, torna-se o “como” na investigação. Os outros elementos são desenvolvidos não apenas em termos de quantidade, mas também em termos de qualidade. O “quem” não é apenas um nome ou um título, e sim uma personalidade, com traços de caráter e um estilo. O “quando” não está presente nas notícias, e é um continuum histórico, uma narrativa. O “que” não é meramente um evento, e sim um fenômeno com causas e consequências. O “onde” não é apenas um endereço, e sim uma ambientação, na qual certas coisas se tornam mais ou menos possíveis. Esses elementos e detalhes dão ao jornalismo investigativo, em sua melhor forma, uma poderosa qualidade estética que reforça o seu impacto emocional. Em suma, ainda que os repórteres possam fazer tanto a cobertura diária quanto o trabalho investigativo ao longo de suas carreiras, os dois papéis envolvem às vezes habilidades, hábitos de trabalho, processos e metas profundamente diferentes. (HUNTER, 2013, p. 8)

O repórter, quando vai às ruas atrás de informações para escrever sua matéria, apura, na maioria dos casos, apenas o que está acessível. Informações dadas por vítimas e testemunhas que estavam no local na hora do fato, revelações obtidas e compartilhadas por outros colegas de profissão, cruzamento de dados, pesquisas na internet etc. Após essa primeira apuração que visa obter o furo jornalístico e responder meramente ao *lead*, se a notícia for relevante e merecer uma continuidade, aí sim se vai atrás posteriormente de novas informações, obtidas através de uma pesquisa mais cuidadosa e minuciosa.

De acordo com Eugênio Bucci (2000), jornalismo investigativo é, antes de tudo, jornalismo. Para ele, o que caracteriza essa modalidade é o objeto da pauta, o método de apuração, a forma e o conteúdo final com que a reportagem se apresenta. Já para Leandro Fortes, essa definição tem a ver com as circunstâncias do jornalismo contemporâneo:

Até o início da década de 1990, para conseguir dados e estatísticas, os jornalistas tinham que se deslocar fisicamente às fontes, revirar registros, debruçar-se sobre planilhas. Atualmente, o que não está em páginas da internet pode ser enviado por fax ou e-mail pelas assessorias. Aos poucos, portanto, a investigação deixou de ser um simples preceito para se transformar, graças à modernidade, em uma área de crescente especialização. Virou um nicho, um símbolo de status no jornalismo brasileiro.(FORTES,2005,p.1)

Assim, quando falamos em jornalismo investigativo, estamos nos referindo a algo muito maior e mais complexo, que envolve muito tempo de pesquisa e apuração. É algo muito maior que a matéria, e vai também além da reportagem. Segundo Ricardo Kotscho, “é você procurar descobrir e contar para todo mundo aquilo que se está querendo esconder da opinião pública” (KOTSCHO, 2000, p. 34). Já o jornalista Nilson Lage, em sua obra “A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística”, busca definir os conceitos de jornalismo investigativo e jornalismo interpretativo, apontando suas peculiaridades. Para ele, o jornalismo interpretativo consiste “em um tipo de informação em que se evidenciam consequências ou implicações dos dados” (LAGE, 2005, p. 136). Já o jornalismo investigativo é compreendido como uma forma extremada de reportagem. Nesse caso, é necessário tempo para a realização da investigação e também esforço por parte do repórter para o levantamento do tema. Para Alberto Dines, “o jornalismo investigativo relaciona-se com o jornalismo interpretativo ou analítico, pois, ao inquirir sobre as causas e origem dos fatos, busca também a ligação entre eles e oferece a explicação da sua ocorrência” (DINES, 1986, p. 92). Tão grande sua complexidade e extensão, dependendo do objeto de estudo, muitas vezes o jornalismo investigativo resulta em uma grande reportagem especial ou até mesmo um livro, como é o caso de tantos sucessos da não-ficção nacional e internacional.

Para obter todas as informações necessárias, o jornalista precisa dedicar muito tempo na fase de pesquisa. Em muitos casos, a apuração é trabalhosa e dura anos. É preciso conquistar fontes, ouvir inúmeras pessoas envolvidas, procurar dados oficiais, fazer

entrevistas, imergir no mundo do objeto de investigação, buscar incessantemente documentos e provas, checar a veracidade informações obtidas e, muitas vezes, utilizar recursos que podem ser considerados antiéticos e ilegais e que colocam a vida do profissional em risco, como câmeras e microfones escondidos. Para Dirceu Fernando Lopes, três elementos fundamentais precisam existir no jornalismo para que ele seja considerado investigativo: primeiramente, o próprio jornalista precisa ter feito a investigação. Em segundo lugar, o objeto de investigação deve ser de interesse público. E por último, deve haver a intenção de pessoas ou instituições de manter essa informação oculta (LOPES, 2003). É a partir da junção desses três fatores que nasce a motivação e o sentido de uma matéria investigativa.

O Jornalismo Investigativo implica em trazer à luz questões que permaneciam ocultas – seja deliberadamente por uma pessoa em uma posição de poder ou acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias – e a análise e apresentação de todos os seus fatos relevantes ao público. (HUNTER, 2013, p. 86)

O termo “jornalismo investigativo” também comumente se refere a um tipo de apuração que possui um viés policial, visando investigar especialmente casos como crimes de homicídios, sequestro, corrupção etc. No entanto, para Mário Sérgio Conti, ele não pode se reduzir apenas a isso, já que os métodos de investigação utilizados por jornalistas e policiais são distintos, além do fato de que uma investigação jornalística pode não necessariamente culminar na descoberta de um crime ou irregularidade. Para Caco Barcellos, é uma lástima que os métodos de jornalistas e policiais não sejam os mesmos: “Os métodos deveriam ser parecidos, eu queria que fossem. Mas o que acontece é que no Brasil a polícia não investiga. Ela é muito mais adepta da brutalidade do que da investigação científica” (BARCELLOS apud KONOPCZYK, 2003, p. 162).

Um exemplo bastante atual de jornalismo investigativo foi a apuração feita por Bette Lucchese do caso Amarildo, um pedreiro que foi torturado e assassinado por policiais militares na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. A jornalista buscou coletar dados que fossem úteis na elucidação do caso, contribuindo com suas informações para a investigação. Com isso, ganhou em 2013 o prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo na categoria Televisão pela cobertura do caso.

O jornalista que se dedica à atividade de investigar, especialmente casos de crimes, colhendo provas e denunciando os acusados publicamente, coloca muitas vezes sua própria vida em risco. Casos como os de Tim Lopes, assassinado por traficantes durante a produção de uma reportagem investigativa em uma favela carioca, reforçam esta realidade. Caco Barcellos, autor da obra que será analisada neste trabalho, também sentiu na pele as consequências de sua investigação sobre as execuções da Polícia Militar de São Paulo: sofreu ameaças e precisou sair do país por uns tempos. Porém, o jornalista prefere denominar esse modo de se fazer jornalismo de “jornalismo ativo”, ao invés de “jornalismo investigativo”, já que para ele a questão principal desse tipo de apuração está na atitude do repórter, em sua proatividade incessante em descobrir o desconhecido (KONOPCZYK, 2003, p. 162).

Vale ressaltar que a reportagem investigativa não precisa necessariamente revelar informações ocultas. Ela pode simplesmente realizar o papel de aumentar o conhecimento dos cidadãos sobre determinado assunto até então pouco explorado, retratando uma realidade muito mais ampla que contribui para aumentar a contextualização e o conhecimento a respeito de determinados fatos. E é sob este aspecto que o livro-reportagem (ou romance de não-ficção) “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta”, de Caco Barcellos, pode ser considerado uma obra imensamente complexa que possui traços do jornalismo investigativo, mas também do jornalismo antropológico e da etnografia, conceitos que serão melhor explicados adiante.

Um território acadêmico extremamente amplo, a antropologia pode ser considerada a ciência que tem como objeto de estudo o homem e a humanidade de maneira totalizante, ou seja, abrangendo todas as suas dimensões (NUNES, 2007). Considerada por muitos jornalistas uma teoria distante da prática da profissão, a antropologia e a etnografia possuem, na realidade, uma grande riqueza de conceitos e práticas especializadas de pesquisa que podem ser de grande utilidade aos profissionais da notícia. Dessa forma, seus papéis nos meios de comunicação de massa podem ser mais bem explorados do que de fato são hoje, produzindo matérias mais densas e ricas. E neste sentido, a pesquisa etnográfica pode ser de grande importância e contribuição:

Estudos etnográficos de Franz Boas (1858 – 1942) e Malinowski (1884 – 1942) inspiraram o desenvolvimento de pesquisas que passaram a buscar a compreensão da sociedade sob o ponto de vista das pessoas que nela

vivem. Assim, não é suficiente fazer perguntas, é necessário observar o que as pessoas fazem, as ferramentas que utilizam no seu fazer diário e como se relacionam entre si. Então, o ir, o ver e o viver com os nativos foram marco inicial do surgimento da antropologia científica e a observação participante se tornou a principal técnica para atingir esses objetivos. A investigação é feita de dentro, é vivida junto aos sujeitos. A etnografia é uma decorrência dessa construção epistemológica. Dois pilares caracterizam o método etnográfico: a interação prolongada entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa e a interação cotidiana do pesquisador no universo do sujeito. Assim, a investigação envolve observação densa, criteriosa e detalhada tendo como foco a fala e a interpretação dos sujeitos participantes da investigação e envolvendo uma visão holística de todo o entorno sócio-cultural no qual os sujeitos e suas ações se circunscrevem. Neste sentido, a etnografia busca compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos ao seu contexto e a sua cultura. Assim, a pesquisa etnográfica se utiliza de técnicas voltadas para descrição densa do contexto estudado. (PEREIRA, 2010, p. 4)

Uma maior aproximação das metodologias utilizadas na antropologia e na etnografia, representadas especialmente pelas pesquisas de campo e pela imersão no universo a ser estudado, é capaz de resultar em investigações jornalísticas mais enriquecedoras, trazendo à tona informações e contextualizações impossibilitadas pelo *hard news*, rápido e superficial. Obviamente, não é possível aplicar tal metodologia tão extensa a este tipo de notícia, onde o que importa é o factual, devendo o jornalista apurar de forma mais rápida e objetiva para buscar o furo da notícia. Neste segmento, não há espaço e tempo para que o jornalista se dedique à imersão etnográfica e à extensa pesquisa. No entanto, há inúmeros assuntos que não podem ser reduzidos à objetividade, sendo necessário um estudo e uma abordagem mais abrangentes para que se possa entender sua complexidade e suas repercussões. Neste sentido, é nessa lacuna das matérias complementares explicativas, das grandes reportagens e até mesmo – ou principalmente – do livro-reportagem que a aplicação da antropologia e da etnografia se inserem. “Ao renunciar ao imediato e aprofundar a pesquisa sobre o meio social e cultural, a antropologia tem subsídios importantes para uma explicação mais sensata para tantos problemas”⁴, define o jornalista Antônio Brasil.

Embora não esteja presente oficialmente em sua formação acadêmica, Caco Barcellos pode ser considerado uma espécie de jornalista antropólogo. Seu fascínio por ir

⁴ BRASIL, Antônio. “Uma ajuda para entender a crise”. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/qtv101020011.htm> Acessado em: 20/04/2014

além da objetividade jornalística, procurando histórias e personagens repletos de complexidade e subjetividade, buscando analisar e compreender o comportamento dos sujeitos, o aproxima, de certa forma, da antropologia. Hoje há um termo que busca definir este tipo de jornalismo: o antropojornalismo. Assumidamente subjetivo, é uma área que mistura as técnicas de apuração jornalística com o olhar cuidadoso e detalhista do antropólogo sobre culturas, povos e comunidades. Dessa forma, busca integrar o jornalista-antropólogo, ou vice-versa, nas comunidades a serem investigadas. Ele permite que haja a visão pessoal do jornalista no texto, resultado de sua observação participante no objeto de estudo. E é exatamente isso que Caco faz ao imergir na vida e cotidiano dos moradores da comunidade Dona Marta, no Rio de Janeiro. Angrosino (2009), destaca a importância da observação participante para o desenvolvimento da pesquisa etnográfica:

A observação participante não é propriamente um método, mas sim um estilo pessoal adotado por pesquisadores em campo de pesquisa que, depois de aceitos pela comunidade estudada, são capazes de usar uma variedade de técnicas de coleta de dados para saber sobre as pessoas e seu modo de vida. (ANGROSINO, 2009, p. 34)

O conceito de antropojornalismo ainda é relativamente novo e a bibliografia na área é escassa. Assim, ainda há um longo caminho a se percorrer para que ele se consolide como um gênero. No entanto, as características da antropologia e do jornalismo possuem diversos pontos em comum, já que ambas se dedicam à observação, pesquisa, descrição e explicação. Porém, o antropojornalismo busca fazer um jornalismo que não seja tão diário e descartável devido à sua superficialidade e efemeridade. Segundo Antônio Brasil:

Entre a curiosidade por povos com costumes "exóticos" e a necessidade de um aprofundamento do noticiário internacional, pode ser que estejamos criando uma espécie de "antropojornalismo". Ou seja, uma mistura entre as propostas totalizantes e científicas da antropologia com as técnicas jornalísticas mais voltadas para a popularização do conhecimento e do interesse geral do público.⁵

É valioso para o jornalismo compreender que por trás de um simples fato há uma história e uma complexidade imensas que precisam ser consideradas. Dentro deles, há

⁵ BRASIL, Antônio. "Uma ajuda para entender a crise". Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/qtv101020011.htm> Acessado em: 20/04/2014

inevitavelmente a presença de indivíduos e seus sentimentos e motivações, o que torna incoerente descrever um acontecimento exclusivamente pelo viés objetivo do jornalismo, sem levar em conta as questões subjetivas presentes. E o que acaba acontecendo é que no jornalismo diário há uma espécie de subjetividade oculta e inconfessável, já que não há como obter objetividade, neutralidade e imparcialidade absolutas a partir do momento que antes de serem jornalistas, os produtores de notícias são seres humanos. E justamente por isso, é inviável desviar-se totalmente de qualquer subjetividade. Suas próprias ideologias e bagagens culturais, políticas e sociais acabam por interferir em suas escolhas, resultando em intervenções (intencionais ou não) em todas as fases do jornalismo, desde a apuração até a edição e publicação da matéria. Além disso, ainda é preciso considerar as linhas editoriais dos próprios veículos para os quais os jornalistas trabalham, que impossibilitam uma absoluta imparcialidade e neutralidade no teor das matérias. Todos esses aspectos configuram uma espécie de mito em relação a essas diretrizes do jornalismo. São diversos os fatores que as tornam intangíveis no dia-a-dia da profissão. Embora sejam algo que o jornalista deve sempre buscar, esses objetivos dificilmente são alcançados em sua plenitude. Desta forma, o problema não está em não alcançar plenamente essas buscas, mas em deixar de buscar, abrir mão de uma apuração rica e da contextualização dos fatos, oferecendo ao leitor uma informação completa e de qualidade.

Já o antropoljornalismo busca ir exatamente na mão contrária do modelo de jornalismo diário: menos objetividade, mais complexidade e contextualização e maior proximidade com o leitor, enriquecendo a matéria. Neste sentido, o jornalismo tem muito o que aprender com a antropologia. Não se trata de encará-la como uma ciência obscura e elitista estudada por uma minoria de intelectuais, e sim aproximar-se de suas técnicas na produção de um jornalismo menos frio e superficial. Com a globalização, o jornalismo sofreu uma certa tendência de generalização e uniformidade, onde o ser humano é retratado como sendo igual em qualquer lugar do mundo, sem levar em conta suas culturas, pensamentos e peculiaridades que tanto interferem em suas ações. Assim, ao noticiar um assunto, a abordagem é quase sempre generalista. Em raros casos há a preocupação de imergir, entender e explicar à sociedade a complexidade das questões que motivaram determinada ação. E dessa forma, não é possível compreender um fato inteiro, sob seus

diferentes ângulos e aspectos. Ele é apenas compreendido de forma segmentada e superficial.

Dotada de profundo detalhamento, a vertente do antropoljornalismo tem seu foco no indivíduo e nas relações humanas, sendo esses elementos tão importantes quanto o fato em si, já que é parte fundamental da escrita focar-se nas pessoas que circundam a história narrada. As informações obtidas não se atêm exclusivamente a documentos e dados técnicos e oficiais: a investigação pessoal por parte do jornalista considera as confissões, relatos, entrevistas, depoimentos e qualquer informação obtida através de conversas com os personagens tão importantes quanto as outras formas de apuração. Os sujeitos da história são apresentados de forma complexa e profunda, levando-se em conta toda sua carga de subjetividade. Utilizando como exemplo o livro que será analisado nesta monografia, para os jornais diários Marcinho VP era apenas um traficante e ponto. Sem história, sem opiniões, sem uma vida paralela além do tráfico. Já Caco Barcellos, com sua pesquisa de campo, descobriu o sujeito muito além do traficante. Contou sua história de vida, os caminhos que o levaram até o tráfico, suas escolhas, suas renúncias, sua família, seus pensamentos, suas ideologias, seus sonhos e diversos outros aspectos até então ignorados e desconhecidos pelo jornalismo e pela sociedade. Como um antropólogo, o repórter frequentou por um período o ambiente de seu objeto de estudo e recolheu o material necessário para a pesquisa do livro-reportagem. Como contou em uma entrevista, quando perguntado sobre como conseguiu ter acesso aos moradores do Dona Marta, Caco Barcellos respondeu:

Na verdade acho que todo jornalista conseguiria, se quisesse. Claro que não sou ingênuo de achar que é só subir o morro e bater lá, até porque o quadro é muito tenso. Mas o processo é natural. Você tem que conhecer alguém no morro, procurar uma entidade que trabalhe lá e expor o que você quer fazer. Quando se sobe o morro atrás de uma operação policial, você mostra só uma realidade atípica à vida do morro. É só gente acuada, embaixo da cama, ferida nas vielas. E quero mostrar a vida fora deste momento da violência. Acho que eles são extremamente abertos porque nunca vêem, ou vêem raramente, um profissional com esta postura. No meu caso foi um processo longo e gradual.⁶

⁶ Entrevista de Caco Barcellos à jornalista Melissa Crocetti. Disponível em: <http://melissacrocetti.wordpress.com/2010/07/14/entrevista-com-o-jornalista-caco-barcellos/>

Dessa forma, o livro “Abusado” de Caco Barcellos aproxima-se mais de uma pesquisa antropológica do que do jornalismo investigativo em si, devido a alguns aspectos relativos à produção e angulação da obra. Primeiramente, a escolha da própria temática: a história e cotidiano de um indivíduo e do ambiente em que este cresceu e obteve poder. Assim, se trata de um detalhado estudo sobre um personagem e um cenário, envolvendo diversos aspectos subjetivos e psicológicos em um nível de riqueza de detalhes impressionante. Diferentemente da reportagem investigativa, mais objetiva e que se baseia exclusivamente em dados, documentos e fontes confiáveis, a pesquisa etnográfica realizada por Caco Barcellos para escrever o livro sobre Marcinho VP baseou-se em relatos e entrevistas com os mais diferentes tipos de fonte, além do próprio traficante, personagem central da obra. Não há como provar, através de documentos e provas oficiais, a veracidade dos relatos descritos pelas fontes. Obviamente foi necessário checar as informações, mas os relatos informais não são descartados por não terem valor oficial ou não poderem ser comprovados. Já no jornalismo investigativo há uma maior necessidade e compromisso com a questão das provas e a confiabilidade das fontes. O processo de apuração e levantamento dos dados revela a preocupação do jornalista em levar ao leitor matérias que, através do processo de checagem, não dêem nenhuma margem a contestação, já que os erros expõem o repórter a sanções formais e informais e podem destruir a credibilidade do mesmo e do meio de comunicação para o qual ele trabalha. No jornalismo antropológico ou etnográfico não, já que a experiência baseia-se em informações obtidas através da observação do repórter e de depoimentos informais das fontes, que normalmente são os próprios personagens da história. Enquanto no jornalismo investigativo o objeto de estudo, a ser investigado, não colabora com o jornalista para a elucidação dos fatos (atuando como uma fonte), no antropojornalismo o objeto de estudo é uma fonte fundamental durante o processo de pesquisa.

Lüdke e André (1986) apontam três etapas para a realização da pesquisa etnográfica: a exploração, que envolve as escolhas de campo e sujeitos bem como as primeiras observações e aproximações com o contexto da investigação; a decisão, que implica nas escolhas dos dados relevantes, das fontes e até dos instrumentos utilizados; e a descoberta, que consiste na explicação da realidade e na forma de situar as várias descobertas num contexto mais amplo e holístico. Neste sentido, quando Caco Barcellos se

desloca de seu ambiente familiar para conviver e estudar durante cinco anos uma realidade diferente da sua, no caso a favela Santa Marta, ele possui um pouco do ofício de um antropólogo no que diz respeito à busca, investigação e pesquisa. E tal experiência não poderia resultar em uma obra mais abrangente, rica e complexa do que de fato é “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta”.

3. ESTRUTURA NARRATIVA: O JORNALISMO LITERÁRIO E O LIVRO-REPORTAGEM

Não seria possível analisar o livro “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta” sem antes falar a respeito do gênero literário ao qual pertence a obra de Caco Barcellos. É imprescindível entender melhor as características do jornalismo literário e do conceito de *new journalism* para compreender o livro-reportagem em questão.

O termo “literatura” não tem nenhum significado unívoco ao longo de sua história moderna, podendo designar tanto um conjunto de repertórios culturais escritos quanto obras poéticas ou ficcionais (SODRÉ, 2009, p. 160)

O conceito de *new journalism*, caracterizado por reportagens produzidas após extensas pesquisas de campo e descrições detalhadas de ambientes e personagens, nasceu na década de 1960 e define um gênero jornalístico surgido na imprensa dos Estados Unidos em meio a toda efervescência de acontecimentos que ocorriam no país naquela época. Segundo Mauro Wolfe, foi nesse período que alguns profissionais da imprensa se deram conta de que era “possível fazer jornalismo para ser lido como um romance”. E explica: “Os jornalistas começaram a descobrir os recursos que deram ao romance realista o seu poder único: construção de cenas, registro dos hábitos, dos costumes, das roupas, das falas” (WOLF, 2005, p.19). Em 1962, Gay Talese escreveu “Joe Louis: o Rei como Homem de Meia Idade”, publicada na revista *Esquire* e que possuía traços bem distintos do jornalismo praticado até então. Em 1963, Tom Wolfe publicou um artigo na mesma revista, adotando recursos clássicos da literatura em um texto jornalístico. A forma narrativa, a presença de monólogos, a descrição minuciosa das cenas e personagens e a ordem não-cronológica dos fatos divergiam bastante dos preceitos de neutralidade e objetividade em vigor no jornalismo até então. No entanto, foi após o lançamento do livro “A Sangue Frio”, do jornalista Truman Capote, que o gênero ganhou popularidade entre os leitores e escritores de todo o mundo nos anos que se seguiram. Alguns dos maiores expoentes do *new journalism* são Tom Wolfe, Jimmy Breslin, Gay Talese, Truman Capote, Hunter S. Thompson, Joan Didion, John Sack e Michael Herr.

No Brasil, a atividade literária esteve bastante ligada à prática do jornalismo em seus primórdios no país, especialmente a partir do Segundo Reinado. No entanto, esse jornalismo genericamente conhecido como literário após algumas décadas foi substituído pela profissionalização da atividade, se encaminhando na direção do modelo norte-americano de texto normatizado, organizado, conciso e objetivo, sem adjetivações (SODRÉ, 2009). E apesar de já ter expressado seus traços anteriormente em obras como “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, o jornalismo literário ganhou uma maior expressão durante o período da Ditadura Militar, entre as décadas de 60 e 80, quando os meios de comunicação sofriam forte censura do governo. De acordo com Cristiane Costa, “se nos jornais e meios de comunicação de massa a informação era controlada, cabia à literatura exercer uma função para-jornalística” (COSTA, 2005, p. 154).

Entretanto, há de se destacar que há diferença entre o que era conhecido como jornalismo literário (no início da imprensa no Brasil) e o conceito conhecido hoje. Segundo Muniz Sodré:

O que atualmente se entende como “jornalismo literário” é algo muito diferente dessa antiga identificação entre jornalismo e literatura, já que tem mais a ver com a prática do *literary journalism* – designação posterior do “novo jornalismo” norte-americano. Um site da internet (Texto Vivo) é preciso a respeito: “Jornalismo Literário é uma modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico, utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. Modalidade também conhecida como jornalismo narrativo”. (SODRÉ, 2009, p. 140)

Sua principal característica é misturar a narrativa jornalística com a literária, utilizando artifícios narrativos que tornem um fato real e denso atraente à leitura, por mais extensa que ela seja. Dessa forma, um acontecimento verídico é contado em forma de história, sem perder sua característica de veracidade, sendo leal aos fatos. Por mais que se utilizem recursos característicos da literatura, o comprometimento do autor com a verdade é imprescindível, já que se trata de uma obra de não-ficção. E para obter as informações necessárias, o autor/jornalista utiliza recursos próprios do jornalismo, como entrevistas, testemunhos, evidências, provas, fotos, documentos, observação direta etc. Embora as características do jornalismo literário possam estar presente em matérias e reportagens, é no

livro-reportagem que encontramos seu maior representante. Como bem definiu a jornalista Soraia Vasques:

Neste tipo de mídia, o factual perde a prioridade em favor da exploração do fato por diversos prismas, recheando o material com dados, números, informações, detalhes e, ao longo do discurso, elenca causas, efeitos e incrementos, abrangendo reflexos e resultados. A linguagem jornalística é parâmetro para a elaboração de material nesse segmento, embora muitas vezes esta tome contornos de literatura, visto que se trata de livro.⁷

Assim, o jornalismo literário pode ser encarado como um cruzamento entre o jornalismo e a literatura, mesclando características de ambos em um novo gênero que nasceu com o intuito de ser tão verdadeiro quanto o jornalismo e tão complexo, rico e detalhado estilisticamente quanto a literatura. Tal hibridez o torna um gênero “irreverente e rompedor de fórmulas”, conforme classifica Edivaldo Pereira Lima (LIMA, 1998, p. 8). Dessa forma, o livro-reportagem – estilo por excelência do jornalismo literário – tem como objeto um fato verídico, algo tão complexo que não poderia ser limitado a uma reportagem de poucas páginas e muito menos a uma mera notícia em um jornal diário. Ele configura um material extremamente rico e complexo que o jornalista tem em mãos, uma pauta interessante que pode e merece ser aprofundada e bem explorada. Não é à toa que grandes livros-reportagem nasceram de acontecimentos que o jornalista cobriu e percebeu que renderiam bem mais que uma matéria no jornal. Com isso, a notícia perde sua característica de superficialidade e efemeridade e passa se tornar uma obra extensa que ganha permanência, podendo ser conhecida e apreciada por leitores em qualquer época.

Observando a necessidade de ampliar as reflexões sobre a notícia, os jornalistas enxergaram no livro uma ferramenta adequada para o exercício informacional exigido pelos projetos especiais que não poderiam ser contemplados nas mídias convencionais em virtude da sua abrangência.⁸

O fato é que hoje o modelo de jornalismo “ideal”, baseado no modelo norte-americano, ensinado nas faculdades e aplicado nas grandes redações de jornais e telejornais, tem como seu maior princípio o furo jornalístico e a notícia imediata, que

⁷ VASQUES, Soraia. “Um gênero jornalístico-literário”. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed704_um_genero_jornalistico_literario. Acesso em: 20/03/2014.

⁸ Ibidem.

resulta em uma abrangência limitada de questões como “Quem?”, “O quê?”, “Quando”, “Onde”, “Como” e “Por quê”. Dessa forma, os fatos são abordados pelo jornalismo visando apenas responder questões objetivas, dando um panorama geral da notícia para o leitor. E com isso, questões importantes que contextualizam e humanizam o tema, oferecendo uma visão mais aprofundada, são deixadas de lado, tidas como nariz de cera. O jornalismo literário busca preencher esta lacuna, enriquecendo a notícia, como explica Muniz Sodré:

De um lado fica a subjetividade do escritor, e do outro, a objetividade jornalística, que consiste no fundo em uma estratégia retórica, destinada a garantir ao discurso do jornalista um reconhecimento de neutralidade ou isenção frente à realidade descrita. Mas essa separação não implica o afastamento físico, ou mesmo profissional, de escritores das redações de jornais, nem o abandono de recursos da literatura na elaboração de textos jornalísticos. Mas se trata de empréstimos, de influências, e não de equivalência de identidades. Quando um jornalista se comporta como um narrador literário – por exemplo, usando linguagem pessoal ou coloquial, colocando a si mesmo na cena do acontecimento, dando cores de aventura romanesca ao seu relato, litigando com as fontes de informação etc – não está “fazendo literatura”, e sim lançando mão de recursos da retórica literária para captar ainda mais a atenção do leitor. (SODRÉ, 2009, p. 144)

Assim, o jornalismo literário e o livro-reportagem preenchem este vazio deixado pelo imediatismo do jornalismo diário, que supervaloriza as notícias rápidas e objetivas, sem se aprofundar e contextualizar muito os temas. Segundo Edvaldo Pereira Lima “o livro-reportagem atua como um extensor do jornalismo impresso, realizando um aprofundamento dos temas, algo que os veículos periódicos, premidos por condições próprias de produção, incluindo limitações de tempo e espaço, não são capazes de comportar” (LIMA, 1993, p. 47). O cruzamento das fronteiras entre jornalismo e literatura possibilita que um fato seja trabalhado mais amplamente, com maior variedade temática e maior detalhamento. Não importa mais o furo, a questão agora é explorar todos os ângulos possíveis da temática. Busca-se, além do aprofundamento, contextualizar o assunto, observar e descrever de forma detalhada todos os aspectos que o envolvem, todos os fatores que direta ou indiretamente foram decisivos para o evento. O fato é, assim, narrado de forma minuciosa e multifocal no livro-reportagem, oferecendo todos os dados necessários para possibilitar um maior entendimento por parte do leitor. Conforme sintetizou Felipe Pena:

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p. 13)

Um outro ponto importante para compreender melhor as características do livro-reportagem é compreender as diferenças que permeiam as definições de “notícia” e “reportagem”. Segundo Erbolato (2001), a construção da notícia se dá a partir de normas de objetividade e a utilização do lead. É preciso prender a atenção do leitor logo nas primeiras linhas, respondendo as principais questões do assunto (o famoso lead). Isso porque, caso o leitor não leia a notícia até o final, as principais informações já foram passadas logo no início. Em um jornal, telejornal ou radiojornal diário, a quantidade de notícias é enorme. Por isso, não é possível dar muito espaço e se aprofundar demasiadamente em uma só, já que isso prejudicaria o espaço destinado às outras. Por conta disso, o jornalismo cotidiano prioriza e precisa se ater à objetividade, ao essencial, ao limitado. Não é possível de estender muito, por falta de tempo e espaço. E, além disso, há a questão do furo jornalístico, onde o primordial é dar a notícia primeiro. Com isso, não se pode despender muito tempo com a pesquisa e a apuração. Ela precisa ser rápida e objetiva, respondendo às questões mais importantes. E com isso, as questões mais secundárias, que dariam maior profundidade e complexidade à matéria, são colocadas em segundo plano na maioria das vezes.

De forma simples, pode-se dizer que a principal característica da notícia é ser factual. Já a reportagem não precisa e nem costuma ter essa necessidade, já que normalmente se trata de um desdobramento da notícia que foi dada inicialmente no jornal. Ou então foi algo produzido após extensa apuração, necessitando um longo período de pesquisa e abordando vertentes dispensáveis para a notícia factual. Como defende Nilson Lage (2003), as informações não precisam obedecer a uma ordem hierárquica (lead) na reportagem, podendo esta ser escrita utilizando-se técnicas narrativas mais livres. Tempo, espaço e personagens são abordados de forma mais ampla e contextualizada. Com isso, o relato simples, raso e superficial (notícia) passa a ter uma dimensão contextual. A reportagem rompe, portanto, com o apego ao factual da notícia e busca um jornalismo interpretativo, amplificado e multifacetado, deixando-se de se ater meramente ao presente e

buscando respostas também no passado, no inexplorado e no desconhecido. De acordo com a jornalista Angélica Fabiane Weise:

Para que o jornalismo literário seja compreendido de fato, é preciso realizar uma dissecação pormenorizada do que é jornalismo de fato e do que é jornalismo com influência da literatura. No primeiro caso, a prioridade é informação básica, essencial, fundamental à compreensão do que se quer noticiar. Variáveis como prazo e espaço disponível pressionam o profissional e o próprio veículo de mídia impressa a enxugar texto e tempo para que a informação se adeque à necessidade do leitor e cumpra sua missão primordial de informar. Já o jornalismo literário traz consigo não só uma notícia, mas também uma história. A informação ganha companhia de adjetivos, personagens, enredos, histórico do assunto e contextualização que não teriam oportunidade de ganhar vida no cotidiano jornalístico. Este estilo de informar tem aspectos que o tornam, sem exageros, nobre perante outras formas de veiculação de notícia impressa. Por suas particularidades, exige talento, dedicação e grande capacidade de empatia por parte de quem o pratica, afinal a humanização, que é arte de tornar mais real o fato, geralmente está no DNA deste modo de fazer jornalismo.⁹

Apresentando-se como uma reportagem ainda mais aprofundada e extensa, o livro-reportagem se caracteriza por sua intensa pesquisa, detalhes e complexidade. O principal definidor de pauta é o próprio autor e a principal motivação é o seu interesse pelo assunto (e não a linha editorial do veículo para o qual ele trabalha ou a proeminência de notícias mais relevantes e atuais). Após essa motivação inicial, o jornalista dissecar o acontecimento a fim de retratá-lo da forma mais completa possível. E diferente do jornalismo cotidiano que busca trabalhar apenas com a objetividade, no jornalismo literário a subjetividade é de total relevância. Sentimentos, motivações, circunstâncias, diálogos, cenários e personagens são tratados com amplitude, e a história é contada de forma humanizada. Além disso, a estrutura narrativa também é diferente de uma reportagem propriamente dita, já que o livro-reportagem é contado como uma história, muitas vezes como um romance, de forma a prender o leitor na narrativa. E por conta disso mesmo por vezes é chamado de romance de não-ficção. A riqueza de personagens, cenas, detalhes e diálogos são recursos que aproximam o gênero da literatura e o afastam da linguagem objetiva do jornalismo. Sem o compromisso de se ater meramente ao presente, o romance vai e volta no tempo, abordando

⁹ WEISE, Angélica Fabiane. “Para compreender o jornalismo literário”. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed730_para_compreender_o_jornalismo_literario. Acessado em: 28/03/2014.

diferentes ângulos que interferem direta ou indiretamente na história. Assim, o passado é apreendido como um valioso recurso para uma melhor compreensão do presente e do acontecimento em si. Com isso, além de contar uma história verídica, o autor discute e instiga reflexões sobre o tema abordado. Há uma grande liberdade temática, onde o jornalista pode se permitir retratar o fato de um novo ângulo e utilizar diversos recursos na obtenção das informações, desde a relação direta e aberta com testemunhas e fontes até a utilização de câmeras e microfones escondidos, aproximando-se das técnicas do jornalismo investigativo. Segundo Edvaldo Pereira Lima:

O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários de televisão. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística. (LIMA, 1993, p. 16)

Por mesclar a veracidade jornalística à estrutura narrativa da literatura, criando uma obra não-ficcional contada em forma de história e prendendo a atenção do leitor, o livro-reportagem é um gênero que vem crescendo muito nos últimos anos, tanto em número de escritores e obras do estilo quanto em número de vendas. Diversos títulos se tornaram best-sellers, dentre os quais podemos destacar “A mulher do próximo” (Gay Telese), “Os dez dias que abalaram o mundo” (John Reed), “A Sangue Frio” (Truman Capote), “Tempo de morrer” (Ernest Hemingway), “Esta noite a liberdade” (Dominique Lapierre e Collins Larry), “Chatô, o Rei do Brasil” (Fernando Morais), “Estação Carandiru” (Drauzio Varella) e “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta” (Caco Barcellos).

Nessa obra de Caco Barcellos, é possível perceber diversas características do jornalismo literário. Embora seja considerado por alguns uma biografia do traficante Marcinho VP, é inegável que o livro vai muito além disso quando esmiúça detalhes de importantes momentos da história do narcotráfico no Rio de Janeiro e aborda questões sociais como a vida dos moradores de uma favela e como se dá o aliciamento e consequente envolvimento dos jovens no tráfico, apontando algumas das raízes de problemas crônicos da sociedade como a pobreza e a violência, em muito causados pela presença de um Estado omissivo e de uma cultura de segregação social.

Por conta de sua estrutura narrativa (a história é contada de forma romantizada), o livro também é considerado por muitos um romance de não-ficção. A despeito da escolha de narrar a história em forma de romance (o que não aconteceu em seus livros anteriores), Caco Barcellos diz:

Foi a pretensão de fazer uma leitura agradável, de entretenimento. Eu acho que no “Rota 66” eu não consegui, porque tinha uma denúncia que pesou muito nas minhas mãos. Eu não imaginava que fosse denunciar que eles matavam inocentes, achava que só matassem criminosos. Aquilo me assustou demais e o livro perdeu a leveza, que eu acho necessária para se conquistar o leitor.¹⁰

Já em relação à preocupação de “glamourizar” a figura do traficante devido à própria escolha narrativa, o jornalista responde em outra entrevista:

Acho que [*as histórias*] são humanizadas. Quando um bacana comete um crime, a gente conta a história dele, a profissão, tem aquilo tudo. E o criminoso do morro nunca tem história. A nossa posição é extremamente arrogante quanto ao criminoso de baixa renda. Pode observar: criminoso de baixa renda a imprensa chama de “bandido”, criminoso de alta renda é “acusado de”. Não estou dizendo que tem que chamar o rico de bandido, mas tem que chamar os dois de “acusados de”. Os dois têm história, eles cometem crimes e outras coisas. Eles amam, são felizes, são perversos. Eles são em tudo como nós somos.¹¹

Admitidamente um livro inspirado em obras de não-ficção norte-americanas de autores como Gay Talese, Truman Capote e Ernest Hemingway, “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta” possui todas as características do estilo seguido por esses autores do *new journalism*. Os traços literários são diversos. O livro se mistura em momentos de narrações em terceira pessoa (quando são contados acontecimentos do passado) e narrações em primeira pessoa (quando são contadas situações que ocorreram a partir do momento do início da pesquisa, em que o jornalista estava presente), evidenciando a observação participante do autor. Os fatos e histórias são relatados com boas doses de carga dramática e os diálogos são reproduzidos o mais próximo possível do real, utilizando inclusive

¹⁰ “Caco Barcellos fala sobre Marcinho VP, o Robin Hood do tráfico”. Disponível em: http://www.piratininga.org.br/novapagina/leitura.asp?id_noticia=289&topico=Direitos+Humanos. Acessado em: 04/05/2014

¹¹ Entrevista de Caco Barcellos à jornalista Melissa Crocetti. Disponível em: <http://melissacrocetti.wordpress.com/2010/07/14/entrevista-com-o-jornalista-caco-barcellos/>

características da oralidade (resultando em erros de ortografia), palavrões e gírias dos personagens (que na realidade são figuras reais). O nível de detalhamento dos personagens e cenários é enorme, tornando a narrativa uma descrição física e psicológica minuciosa:

Entramos num bar com música ao vivo, que anunciava no cartaz de entrada a apresentação de uma banda de rock. Um local ideal para Juliano continuar a pesquisa em volta do grande balcão das bebidas. Pediu uma espécie de vermute e pagou uma cerveja para um jovem paraplégico, que estava sentado numa cadeira de rodas e agitava os braços no ritmo da música. Em minutos, Juliano fez questão de me mostrar que já conquistara a amizade do jovem, que lhe ofereceu uma ponta de maconha para fumar.

- Aí, brasileiro e argentino numa boa, aí. Tu viu? Em um minuto ele me passô um pra fumá, na maió confiança, aí. E é da boa ó! Melhor, só a da Santa Marta, ó!

Perto das cinco horas da madrugada, ao perceber a animação de Juliano com a pesquisa, voltei exausto para o hotel. Fui acordado às 11h por Juliano, batendo nervosamente à porta do 314. Ele talvez não tenha dormido, mas disse que acordara faminto. Insisti para que tomássemos café da manhã no quarto, mas ele não quis e disse:

- Não aguento mais! To há quarenta dias nesse país sem comê feijão... Aqui é a capital caralho. Hoje tenho que achá feijão nessa porra de cidade! (BARCELLOS, 2003, p.471)

A subjetividade é considerada absolutamente relevante, sendo um fator importante para explicação e análise dos acontecimentos. Dessa forma, não há espaço para a objetividade jornalística: tudo é considerado importante para a narrativa, desde os sentimentos dos personagens até os diálogos e descrições dos espaços físicos. Não é necessário um distanciamento por parte do repórter-pesquisador, muito pelo contrário: sua aproximação dos personagens é valiosa e necessária na obtenção das informações sob seus mais diversos aspectos. A realidade é exacerbada e não é omitida em nenhum aspecto. Na maioria das vezes, os relatos das histórias são contados no presente, apresentando tantos detalhes que fazem o leitor crer que o jornalista estava presente naquele momento, mesmo isto não sendo verdade, já que são fatos do passado que foram relatados através de depoimentos dos envolvidos. Como podemos ver no trecho abaixo:

O chefe ainda está dentro do carro, sentado no banco da frente, ao lado do motorista. Segura um AK-47 que tem a base apoiada no banco entre as suas pernas. Paralisado, ferido pelos tiros e pelo impacto da batida do carro no poste. A única reação é de Paranóia, que começa a disparar contra o inimigo justamente no momento em que ele está mais próximo. O

tanque D-20, que avança de frente, agora desvia para o lado do Fiesta, disparando rajadas que furam a lataria, estilhaçam os vidros, espalham pânico entre os parceiros que tentam se esconder dentro do carro.

Ao lado do carro, Paranóia se joga no chão e aperta o gatilho com toda a força dos dedos. Mas o G-3 não responde, o gatilho está mole, sem pressão. Imediatamente ele joga a arma emperrada para dentro do Fiesta e grita com Juliano:

- Tá fudida essa porra! Me dá a sua. Caralho! Caralho! (BARCELLOS, 2003, p. 16)

A descrição física dos personagens que fazem parte da história também é explorada a todo momento, procurando aproximar o leitor da trama e aguçando a sua imaginação:

Calça jeans justa, com cintura baixa. Cinto de couro comprado numa loja de antiguidades. Blusa de malha colante preta, com uma estrela vermelha estampada bem no centro do peito. Bota de couro preta. E, coincidência, como Juliano, Débora pusera uma boina de lã fina, preta, que prendia os cabelos que mandara cachear para fazer uma surpresa ao namorado. (BARCELLOS, 2003, p. 263).

No entanto, apesar de toda riqueza de recursos literários, o livro não deixa de cumprir sua principal função, que é a de informar o leitor. Para isso, a trama alterna momentos em que se atém à vida do personagem principal, Juliano VP, e momentos em que aborda questões mais amplas, como a história da favela Santa Marta e os acontecimentos por trás da maior facção criminosa do Rio de Janeiro, o Comando Vermelho:

Escondidos no coração da região mais rica da cidade, a zona sul, os moradores da Santa Marta viviam há 53 anos sem uma única escola ou hospital e sem ter nenhum dos 84 becos pavimentados pela Prefeitura. Toda a cobertura de concreto dos becos era obra dos mutirões. Desde 1935, início da ocupação, o esgoto corria em grandes valas à céu aberto e não havia coleta de lixo eficaz. O trabalho de varredura era feito por dez garis, selecionados pela Associação de Moradores. Mas no ano de 1987 eles não davam mais conta da limpeza porque mais de 70 por cento das famílias de 1.560 barracos jogavam o lixo em qualquer área livre ou dentro dos valões, formando dezenas de pontos de acúmulo de sujeira na favela. (BARCELLOS, 2003, p. 115)

Como foi possível ver nos os exemplos citados acima, “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta” é um exemplo clássico do jornalismo literário, sendo considerado um dos maiores livros-reportagem produzidos no cenário nacional.

4. O LIVRO “ABUSADO: O DONO DO MORRO DONA MARTA”

Este capítulo visa explorar mais detalhadamente o conteúdo da obra e como se deu seu processo de produção. Além disso, serão abordadas questões importantes como a relação entre jornalista e fonte, a questão ética e os desdobramentos da publicação do livro, em 2003.

4.1 A obra

Durante os quatro anos de produção do livro, muitos deles [personagens] foram presos, torturados e mortos, sempre de forma brutal. Essa experiência reforçou meu repúdio à cultura da punição perversa, contra quem já nasceu condenado a todas as forças de injustiça. (BARCELLOS, 2003, p.11)

São com essas palavras, que expressam com clareza a opção do jornalista em expor as injustiças sociais sofridas pelos excluídos da sociedade, que Caco Barcellos convida o leitor a embrenhar na complexa história do livro-reportagem “Abusado – o Dono do Morro Dona Marta”, lançado em 2013 pela editora Record e que retrata em detalhes o tráfico de drogas e o dia-a-dia de uma das maiores favelas do Rio de Janeiro. O terceiro livro do jornalista custou cerca de cinco anos de pesquisa e de expediente dobrado, dividido entre a dedicação à produção da obra e o trabalho como repórter da TV Globo. O livro levanta discussões éticas, morais e políticas nunca antes observadas por esse ângulo, através de pessoas marginalizadas e excluídas socialmente que dificilmente são vistas ou ouvidas pela mídia. Uma realidade que a sociedade prefere ignorar e as autoridades preocupam-se apenas em “manter sob controle”, distanciando-a do asfalto. Como exemplificou Isabel Travancas, “o que acontece no dia-a-dia de milhares de bóias-frias, por exemplo, não importa, a não ser no momento em que eles façam uma greve” (TRAVANCAS, 1993, p. 33). E é desta mesma forma que a imprensa lida com a questão dos “favelados” e do tráfico.

O projeto de fazer uma grande reportagem sobre este tema fora imaginado há tempos por Caco Barcellos. No entanto, antes de obter êxito na tentativa em executar este ambicioso e ousado projeto no Santa Marta, o jornalista havia tentado explorar a realidade do tráfico em duas outras favelas cariocas: o Jacarezinho e a Rocinha. Ambas tentativas

falharam, por diferentes motivos. Foi quando em 1996 houve o primeiro contato com Márcio Amaro de Oliveira, o Marcinho VP, chefe do tráfico no morro Dona Marta, quando ele ainda estava preso na Polinter. Antes disso, o traficante já havia chamado sua atenção após o polêmico episódio da gravação do clipe de Michael Jackson na favela e sua entrevista bombástica para três jornalistas na época, Nelito Fernandes, Silvio Barsetti e Marcelo Moreira, entrevista esta que o deu notoriedade e o fez ser caçado pela polícia carioca como um dos bandidos mais procurados da cidade. O nível de consciência de Marcinho VP e suas declarações sobre política, drogas e crime organizado, entre outros assuntos, despertaram o interesse do repórter, que confirmou suas impressões após visitar o traficante na cadeia. Com um grande personagem nas mãos que concordou em colaborar dando todas as informações necessárias, um cenário incrivelmente plural (a favela Santa Marta) e um universo desconhecido pela maioria dos brasileiros (o narcotráfico), Caco Barcellos iniciou seu processo de apuração.

Em suas quase 600 páginas, o livro costura a vida bandida dos traficantes, de suas famílias e dos moradores da comunidade. Procura ver a figura do traficante além do crime, buscando entender melhor as histórias e as motivações que levam milhares de jovens ao universo do tráfico todos os anos. Além disso, mostra como o Comando Vermelho se impôs na favela, os bastidores das relações entre as maiores facções criminosas do Rio de Janeiro na década de 1980 e 1990 (Comando Vermelho, Terceiro Comando e Amigos dos Amigos) e liga acontecimentos na guerra do narcotráfico, como o caso da morte do traficante Uê (Terceiro Comando), assassinado por Fernandinho Beira-Mar (Comando Vermelho) em setembro de 2002: uma vingança, oito anos depois, pela morte de Orlando Jogador, assassinado por Uê em junho de 1994. Os famosos tribunais do tráfico, a cobertura dada pela imprensa às áreas mais pobres da cidade, a relação de Marcinho VP com o cineasta João Moreira Salles e outros intelectuais, sua fuga para a Argentina, seu desejo de encontrar o subcomandante Marcos do movimento Zapatista no México, os casos de corrupção policial, o trágico fim de inúmeros personagens do livro – criminosos ou não – e tantas outras histórias fazem de “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta” uma obra inovadora, que prende o leitor do início ao fim com sua narrativa romantizada e sua história rica, desconhecida e intrigante.

É através da história do traficante Marcio Amaro de Oliveira, o Marcinho VP (chamado no livro pelo codinome de Juliano VP), que a história se desenrola. Sua infância, juventude, entrada e ascensão no tráfico de drogas são contados em ordem não-cronológica no livro, de forma a mostrar ao leitor como um jovem pobre da favela entra para o tráfico. Não apenas Marcinho VP, mas dezenas de outros personagens reais são retratados no livro e têm suas histórias contadas sob o ângulo humanizado de Caco Barcellos, que procurou enxergá-los desmunido de pré-conceitos, conhecendo suas histórias de vida e as razões que os levaram a entrar no perigoso universo do tráfico de drogas onde a morte é quase sempre prematura. São 38 capítulos onde a narrativa se mistura entre a vida de Marcinho VP, histórias paralelas de outros personagens da favela e informações sobre o tráfico, a comunidade Dona Marta e as facções criminosas cariocas, especialmente a terceira geração do Comando Vermelho, da qual Marcinho VP e seus comparsas faziam parte.

O personagem principal do livro, Márcio Amaro de Oliveira, nasceu no nordeste e chegou ao Santa Marta, no Rio de Janeiro, ainda muito pequeno. A família, muito pobre, veio para a capital carioca em busca de melhores condições de vida, assim como tantas outras famílias que migram do nordeste e acabam se instalando nas favelas por falta de opção. Seu pai, muito rigoroso e machista, sustentava a família com o pouco dinheiro que ganhava em sua birosca na comunidade. Márcio estudava na parte de manhã e desde novo ficava boa parte do dia ajudando o pai no comércio, sem ganhar nada por isso. A falta de perspectiva em ganhar um salário digno de forma honesta sem quase nenhum estudo acabou fazendo ele se aproximar do tráfico de drogas, aliciado como tantos outros jovens, muitos deles seus amigos. No livro, há um capítulo inteiro dedicado a isso (“Turma da Xuxa”), mostrando como jovens comuns são atraídos pelo dinheiro fácil e rápido proporcionado pelo crime organizado. Assim, pouco a pouco foi abandonando a escola, mas sua paixão pelos livros nunca deixou de existir. Por conta disso, era um homem consideravelmente culto e com opiniões inteligentes, críticas e revolucionárias. Sua entrada e ascensão no narcotráfico foi rápida, chegando nos anos 80 ao comando máximo do tráfico no morro Dona Marta, um dos maiores da cidade. Não era considerado um grande e perigoso bandido, como a maioria dos chefões do tráfico. Preocupava-se com o bem-estar da comunidade e com as injustiças sociais. Devido à suas posições ideológicas e sua personalidade, ganhou muitos inimigos – inclusive dentro do próprio Comando Vermelho –

que não achavam que ele tinha postura para ser um chefe do tráfico. Apesar da baixa escolaridade (sequer concluiu o ensino fundamental), por ser um grande apreciador de livros era considerado uma figura inteligente por todos que o conheciam, ganhando a admiração de nomes importantes como o cineasta João Moreira Salles, que o conheceu durante as gravações do documentário “Notícias de uma Guerra Particular” e pagou durante alguns meses uma mesada de mil dólares para que ele escrevesse um livro. Até a sua morte, foi fiel às suas ideologias e leal ao Comando Vermelho, facção que muito admirava e da qual fazia parte.

A grande mídia, que acompanhamos todos os dias nos jornais e televisão, busca retratar prioritariamente as *hard news*, o factual. Uma notícia só se transforma em reportagem mais abrangente se o assunto for de grande relevância ou gerar grande repercussão, como casos de escândalos políticos ou crimes bárbaros. E mesmo assim, no segundo caso, a reportagem dificilmente abordará a história do acusado, pois não há interesse em mostrar à sociedade as circunstâncias que o levaram ao crime. Normalmente a reportagem se aprofunda apenas nos detalhes do crime, a vida da vítima etc. Um caso de exceção que podemos citar é a história do jovem Sandro Barbosa do Nascimento, que em 12 de junho de 2000 sequestrou um ônibus no Rio de Janeiro, mantendo onze pessoas como reféns no caso que ficou conhecido como “O sequestro do ônibus 174”. Após o desfecho do caso, que resultou na morte de uma mulher grávida e de Sandro, descobriu-se que por trás da faceta de sequestrador existia um jovem com uma história de vida extremamente triste, sendo mais um exemplo de tantos excluídos da sociedade. No entanto, de forma geral, a grande mídia costuma lidar com superficialidade a questão das minorias, ignorando a raiz de seus problemas, suas histórias e as circunstâncias que fazem todos os dias milhares de jovens pobres se tornarem criminosos. A violência se transforma assim em espetáculo – sendo regida pela lógica midiática de consumo – e esquema de contraposição adotado pelos grupos minoritários. Como explica Raquel Paiva:

Pode-se julgar, ato contínuo, mídia e consumo. E de fato a nova ordem cada vez mais privilegia um número diminuto de povos e indivíduos, capazes de experimentar continuamente todas as novas proposições midiáticas, e coloca de lado um número cada vez maior de indivíduos e populações excluídas dos procedimentos velozes dos bens de consumo [*sendo estes últimos quantitativamente uma maioria, mas qualitativamente uma minoria*]. Esse horizonte da contemporaneidade em

que se perfilam, de maneira cada vez mais delimitada, dois distintos grupos, produz uma nova forma social, regulada pela violência e crueldade. Possivelmente a violência esteja sendo “enformada” – aqui no sentido mesmo de algo que se pode conferir forma – como uma nova forma social, quer dizer, um estilo de vida particular dos excluídos. (PAIVA, 2005, p. 17)

Em relação a este termo, “minorias”, é de suma importância entender a fundo seu significado para compreender a questão de sua representação midiática. Em seu sentido literal, a palavra possui como definição o contrário de maioria, tendo como ponto de partida um sentido de inferioridade quantitativa. No entanto, o sentido que está sendo utilizado nesse estudo se refere a uma minoria qualitativa. Segundo Muniz Sodré:

É um significado subsumido, por exemplo, no modo como os alemães entendem a maioria e minoridade. Em Kant, maioria é *Mündigkeit*, que implica literalmente a possibilidade de falar. Já minoridade é *Unmündigkeit*, ou seja, a impossibilidade de falar. Menor é aquele que não tem acesso à fala plena.” (SODRÉ, 2005, p.11).

Além disso, “minorias” em sua noção contemporânea se trata de um *topos* polarizador de turbulências, conflitos e fermentação social, movida pelo impulso da transformação, sendo uma espécie de dispositivo simbólico com uma intencionalidade ético-política dentro da luta contra-hegemonia.

E é na contramão desta ótica superficial em que as minorias são retratadas pela mídia que Caco Barcellos procurou ir além do traficante que é meramente citado nos jornais, retratado de forma pontual e superficial, como alguém sem história. Após cobrir inúmeras matérias que envolviam crimes relacionados ao tráfico de drogas, o jornalista decidiu investigar, durante cinco anos, como é o dia-a-dia em uma comunidade, como funciona uma facção criminosa, como o tráfico se instala em uma favela, como é a relação entre os traficantes (da mesma facção e de facções rivais), como é a vida de um poderoso chefe do tráfico, o que financia este lucrativo mercado e muitos outros aspectos desta complexa engrenagem que está inserida no nosso dia-a-dia, mas que nunca havia sido exposta de maneira tão crua e real. E além do lado investigativo, que busca explicitar cada um desses aspectos, o livro também se caracteriza pelo romance, contando com toda riqueza de detalhes a vida de Juliano VP, um personagem real (Marcinho VP) extremamente peculiar, com posições políticas e ideológicas incomuns para um bandido

com pouco acesso à educação. Um indivíduo que, por trás do traficante, era um homem com refinado gosto literário e com uma grande preocupação com o destino das favelas do Rio de Janeiro.

Narrado em ordem não-cronológica, o livro começa contando um episódio impactante de quando Juliano VP já era chefe do tráfico no Dona Marta, em uma fuga onde está sendo travado um tiroteio entre o traficante e seus comparsas e a polícia. O desfecho do capítulo se dá com Juliano gravemente ferido e leva o leitor a questionar se o mesmo teria morrido ou não neste episódio, um dos recursos utilizados por Caco Barcellos para tornar o livro um romance que prende a atenção e desperta a curiosidade do leitor diante de tanta ação, suspense e boas e bem contadas histórias. Após isso, o jornalista começa a contar as histórias de Juliano, seus amigos (os que se envolveram ou não com o tráfico), sua família e o *modus operandi* das grandes corporações criminosas que atuam no Rio de Janeiro, especialmente o Comando Vermelho, facção da qual Juliano (Marcinho VP) fazia parte.

O livro conta também a história das principais disputas pelas posses dos pontos de drogas nas favelas do Rio de Janeiro e as traições no universo do crime. Especialmente o caso do morro Dona Marta, que na década de 1980 viveu uma verdadeira guerra do tráfico, é contado em detalhes, desde a inserção do narcotráfico na favela até as disputas na década de 1990, quando Marcinho VP já era o chefe. Atualmente ocupado por uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), o Morro Dona Marta, em Botafogo, finalmente vive em clima de paz. A tranquilidade reinante hoje na comunidade é bem diferente das cenas de terror que levaram pânico aos moradores do morro - e do asfalto - nas décadas de 80 e 90. A primeira grande guerra do tráfico no Morro Dona Marta ocorreu em agosto de 1987, quando o traficante Emílson dos Santos Fumero, o Cabeludo, invadiu a favela para retomar os pontos de venda de drogas em poder do ex-PM Zacarias Gonçalves da Rosa Neto, o Zaca. Durante seis dias, as duas quadrilhas se enfrentaram, com intensas trocas de tiros. Já naquela época, o poderio bélico dos traficantes era assustador: metralhadoras, escopetas, pistolas automáticas e até granadas. Assustados com a violência, dezenas de moradores abandonaram suas casas durante a guerra do tráfico no morro. Com a chegada da polícia à favela, 28 traficantes - dos dois bandos - foram presos. No entanto, Zaca e Cabeludo conseguiram escapar e o primeiro continuou a comandar o tráfico no Dona Marta. Segundo

denúncias de um dos traficantes presos, Zaca contava com a cumplicidade de 20 policiais do 2º BPM (Botafogo) para continuar à frente do tráfico na favela. Algum tempo depois foi preso, e seu grande rival Cabeludo foi assassinado após tentar roubar um veículo na Zona Norte do Rio de Janeiro. Na década seguinte (1990), Márcio Amaro de Oliveira, o Marcinho VP, membro da terceira geração do Comando Vermelho, assumiu o comando no Dona Marta. E o que se viu nos anos posteriores foi uma disputa constante entre Marcinho VP e Zaca, que mesmo preso tentava através de seus comparsas retomar o poder no ponto de drogas da favela.

Contadas de forma natural e romantizada, as histórias de cada um dos personagens ganham vida no decorrer do livro, mostrando como cada um entrou para o tráfico e como foi o seu desfecho no crime. Como mostra o livro, a maioria dos jovens acaba morrendo de forma demasiadamente prematura, seja em confronto com a polícia ou por conta de represálias de facções rivais ou até mesmo de outros integrantes da própria facção, já que no universo do crime são comuns traições e disputas por hierarquia. Assim, cada capítulo se dedica a descrever, utilizando diálogos ricos e a linguagem característica das favelas, com gírias e expressões, a história de um personagem que fez parte, direta ou indiretamente, da vida do personagem principal do livro, Marcinho VP. O livro mistura descrições e narrações vistas sob o ponto de vista de Caco Barcellos, que durante a produção do livro atuou realizando uma minuciosa pesquisa de campo na favela, e diálogos entre os personagens, na maioria das vezes recriados através dos relatos feitos pelos próprios envolvidos.

A quantidade de informações e a riqueza de detalhes conquistadas pelo jornalista durante os anos de pesquisa é impressionante. Caco colheu centenas de depoimentos, fez entrevistas, ouviu histórias de casos importantes sobre facções criminosas do Rio de Janeiro, investigou dados de jornais e revistas da época, teve acesso a cartas e documentos enviados entre os traficantes e revelou os bastidores da formação de uma quadrilha do narcotráfico. No entanto, deixou claro desde o princípio que não queria presenciar crimes. O trato com as fontes, especialmente com Marcinho VP, era simples: saber apenas o que aconteceu no passado. O jornalista sabia que estava lidando com bandidos, que são capazes de torturar, matar, roubar e cometer outros tipos de crime. No entanto, a aproximação com eles era imprescindível para obter as informações necessárias para escrever o livro. Assim,

para manter seus princípios éticos, Caco Barcellos se preservou da responsabilidade de saber previamente e poder intervir em um crime, evitando-o. Por isso optou por saber apenas relatos referentes ao passado, seja ele distante ou não, mas nunca sobre algo que está acontecendo ou acontecerá no futuro, quando ainda há possibilidade de intervenção.

Além de apresentar os bastidores do crime organizado e a vida dos traficantes, o jornalista também tem a preocupação de mostrar ao leitor como é a realidade nua e crua de uma favela. A proximidade com o tráfico, a falta de recursos básicos como saneamento, luz e água encanada, a relação dos moradores com a polícia e com os traficantes, as dificuldades que permeiam as comunidades, a postura diante dos confrontos armados que ocorrem frequentemente na favela, o funcionamento das associações de moradores e também os esforços e conquistas para melhorar as condições de vida em um local que é abandonado pelo poder público, onde a população se encontra à margem da sociedade. Aponta também que os moradores das comunidades estão muito mais próximos do traficante do que do Estado com seu histórico de omissão e descaso com os setores mais pobres da população. É para o traficante que o morador pede dinheiro para comprar um remédio ou para comprar o material escolar do filho. É para o traficante que o morador da favela pede a assistência – social e financeira – que deveria ser oferecida pelo governo. É ao tráfico que o jovem pobre da favela recorre para pedir emprego quando não consegue um emprego honesto com salário digno. Por conta disso, em muitos casos (inclusive hoje em dia, após a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora no Rio de Janeiro e seus recorrentes casos de homicídios nas favelas) os moradores são coniventes com os traficantes, e preferem a presença deles do que a da polícia nos morros. De fato, a desmoralização da polícia e do Estado frente à população das favelas é uma questão real e preocupante hoje no cenário urbano.

Na época de lançamento do livro, em 2003, muito se criticou a respeito da romantização e “glamurização” do personagem principal, Juliano VP. De fato, a história é narrada como um romance, mas este é apenas um recurso utilizado por Caco Barcellos para tornar a leitura interessante, prendendo a atenção do leitor nessa história complexa e extensa. Apesar da escolha por uma narrativa mais leve, informal e dinâmica, recheada de detalhes e diálogos, o jornalista foi cuidadoso ao colher e utilizar os dados e informações presentes na obra. A apuração concentrou-se nos relatos dos próprios personagens, de

amigos e parentes dos jovens que morreram no decorrer dos quinze anos de guerra no morro, desde quando o narcotráfico começou a ser inserido no Santa Marta. Além disso, houve também o cuidado por parte do jornalista de checar a veracidade das informações, consultando mais de uma fonte para confirmar a versão de um acontecimento relatado. Assim, não se pode dizer que se trata de uma história ficcional, apesar de muitos personagens terem seus nomes verdadeiros substituídos por pseudônimos, por uma questão de preservação da identidade da fonte. Em relação a isso, Caco Barcellos explica que alguns nomes verdadeiros foram omitidos para evitar perseguições ou punições judiciais àqueles que o confiaram tantos segredos, em uma relação de confiança mútua entre o jornalista e suas fontes: “Optei por usar codinomes ou apelidos conhecidos dos mais íntimos como forma de contar as histórias de crimes sem precisar mutilar a verdade”. (BARCELLOS, 2003, p.1).

A obra é, assim, uma grande e rica reportagem investigativa que embora seja contada em forma de romance tendo como personagem principal o traficante Marcinho VP, vai muito além disso em sua contribuição para a sociedade, apresentando detalhes nunca antes revelados sobre o funcionamento do grave e crônico problema do narcotráfico.

A descrição física e psicológica dos personagens, o alto nível de detalhamento das situações e cenários, a linguagem utilizada (que reproduz fielmente o dialeto dos moradores das favelas, inclusive valendo-se de palavrões e gírias), a grande quantidade de diálogos, as fotos dos principais personagens citados no livro e de pontos simbólicos da comunidade Santa Marta, entre outros recursos, são utilizados pelo autor para enriquecer a história e aproximar o leitor da narrativa. Dessa forma, apesar de suas quase 600 páginas, “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta” possui uma leitura leve, que não é cansativa ao leitor. Na verdade, muito pelo contrário: ele prende o leitor do início ao fim, pela curiosidade de saber o desfecho de cada personagem e pela própria temática interessante e desconhecida.

O livro é dividido em 3 partes: “Tempo de Viver”, onde há vinte capítulos que contam da infância à ascensão de Marcinho VP no tráfico de drogas e a história de outros personagens importantes que fizeram parte deste período; “Tempo de Morrer”, que conta o declínio do traficante no comando do Dona Marta; e “Adeus às armas”, com 8 capítulos sobre o período em que Marcinho VP esteve foragido e preso, além de sua relação com o famoso cineasta João Moreira Salles. Os 38 capítulos da obra não seguem uma ordem

cronológica, e histórias do passado e presente se misturam o tempo todo, narrados pela voz do jornalista que horas utiliza a narração em primeira pessoa, horas utiliza narração em terceira pessoa.

Um fato importante e marcante abordado no livro pelo jornalista foi o polêmico episódio com o *popstar* Michael Jackson e o diretor Spike Lee, que em 1996 vieram ao Brasil gravar o clipe da música “*They don’t care about us*” no Dona Marta. Na época, a equipe do *popstar* precisou pedir permissão e negociou diretamente com Marcinho VP, então chefe do tráfico na comunidade, sobre as condições da gravação. Ele fez questão de cuidar pessoalmente da segurança do astro e de sua equipe de produção, disponibilizando casas, homens e proteção, atitude que evidenciou ainda mais a fragilidade da polícia e a notoriedade do traficante. Dias após a gravação do clipe, deu uma polêmica entrevista para três jornalistas dos principais jornais da cidade e falou sobre suas ideologias, afirmou que o morro era escravizado pelo sistema, contou que pagava propina a policiais militares e explicitou sua preocupação com a cidadania nas favelas. Havia um acordo, não respeitado posteriormente pelos jornalistas, de que seu nome não seria divulgado. No dia seguinte, a entrevista e o nome de Marcinho VP estampavam os principais jornais cariocas. Após este episódio, o traficante começou a chamar mais a atenção da polícia e das autoridades públicas, desencadeando posteriormente uma verdadeira caçada para capturá-lo e prendê-lo. Em relação a essa característica de sua personalidade, vários pontos do livro confirmam este lado de Marcinho VP: um bandido que gostava de aparecer, não tinha medo de se expôr e nem de dizer o que pensava. Pelos inimigos, era considerado um “falastrão”. Era na verdade uma figura ousada, com fortes opiniões políticas, ideológicas e sociais. Por isso, era conhecido na comunidade como “Poeta”. Tinha um complexo discurso social e pregava a revolução nos morros, local que considerava largado à própria sorte, abandonado pelo poder público. Costumava defender sua escolha pelo tráfico alegando que “estava no lado certo da vida errada”. Se autointitulava um homem fiel aos seus princípios, leal ao Comando Vermelho e preocupado com o bem-estar social dos moradores da comunidade. Gostava da notoriedade que havia ganhado na favela e na mídia, se tornando um traficante *pop*. Por este motivo, aceitou ter sua vida contada na obra de Caco Barcellos, revelando todas as informações necessárias sem medo de sofrer represálias.

Grande vencedor do Prêmio Jabuti 2004 na categoria Reportagem e Biografia, o livro é um romance onde não há mocinhos e vilões: todos são retratados como seres humanos expostos a todo tipo de influências externas, com defeitos e qualidades. A figura do traficante é vista além da ótica marginalizada dos jornais diários, procurando mostrar o lado humanizado desta figura, que também tem uma história de vida além do crime. No entanto, a obra não conta apenas a história do personagem principal, mas é uma complexa reconstrução de momentos vividos pelo Rio de Janeiro e pelo tráfico de drogas na cidade, especialmente como seu deu o seu domínio nas favelas cariocas a partir da década de 70. A história de Marcinho VP está relacionada diretamente com a existência do Comando Vermelho e sua ocupação na favela em Botafogo, bairro de classe média carioca. Paralelamente, tem-se um panorama de como se deu o domínio do narcotráfico em outras favelas do Rio, além de detalhes sobre facções criminosas que atuam na cidade.

O rico resultado final e o sucesso da obra explicam o tamanho do envolvimento de Caco Barcellos nesta produção. O jornalista entrou em um universo perigoso e desconhecido, em um submundo onde não há leis e onde o perigo é iminente. Entrevistou dezenas de moradores, traficantes, amigos e parentes deles. Colheu depoimentos, analisou dados, pesquisou as histórias, juntou tudo e transformou em um romance-reportagem que ficou durante meses entre os livros mais vendidos do país e foi a obra de não-ficção mais vendida em 2013 no Brasil.

4.2 Ética e a relação entre jornalista e fonte

Um agradecimento especial aos moradores do Santa Marta e a todas as pessoas que me confiaram seus depoimentos e cujos nomes pediram para omitir. Também foi de grande valor a contribuição dos amigos e parentes dos traficantes dos morros do Turano, Vidigal, Pavão-Pavãozinho, Cantagalo e Rocinha. Eles abriram suas portas para mim em alguns momentos de perigo e se dispuseram a contar suas histórias, muitas vezes durante a madrugada, mesmo sob forte perseguição policial. (BARCELLOS, 2003, p. 9).

Durante os cinco anos de produção do livro, Caco Barcellos contou com a colaboração de inúmeras fontes – secretas ou não – que contaram detalhes sobre acontecimentos importantes do narcotráfico no Santa Marta. Além de sua principal fonte e

personagem central do livro, Marcinho VP, o jornalista obteve informações e depoimentos de moradores das comunidades, amigos e parentes dos traficantes, profissionais que trabalhavam na favela, entre outros. Foram centenas de entrevistas, extensa pesquisa, cruzamento de dados, verificação da veracidade das informações, seleção do material que seria utilizado na produção do livro e um intenso trabalho que resultou em quase 600 páginas de histórias reais, contadas por aqueles que direta ou indiretamente se relacionam com a história do Santa Marta, desde a rotina dos moradores até a tumultuada questão do tráfico de drogas e da disputa de poder entre os traficantes.

No jornalismo, a relação com as fontes é uma questão delicada que divide opiniões e gera discussões polêmicas sobre o assunto. A complexidade das relações entre profissionais do jornalismo e fontes de informação é objeto de vários estudos. Como são raros os casos em que a apuração jornalística é possível sem a colaboração das fontes, este torna-se um recurso crucial para qualquer repórter. É através delas que é possível tomar conhecimento de fatos e informações que o jornalista não obteve através de observação direta. Sendo assim, a maior parte das informações só é possível de ser obtida através do depoimento de indivíduos e instituições que testemunharam ou participaram de um evento, já que são minoria os casos em que o repórter tem a sorte de estar presente no momento exato do acontecimento. As notícias são assim um resultado da interação entre diversos agentes sociais, em um processo de colaboração constante.

De forma geral, as fontes podem ser classificadas em oficiais, oficiosas e independentes. As fontes oficiais são aquelas mantidas pelo Estado, por instituições que preservam algum poder de Estado ou por empresas e organizações. As fontes oficiosas são aquelas que estão ligadas a uma organização ou indivíduo, mas que não podem falar em nome delas. Já as fontes independentes são aquelas sem vínculos e sem qualquer interesse específico com entidades e pessoas. Além disso, podem ser classificadas em fontes primárias (aquelas em que o jornalista se baseia para colher as informações principais de uma matéria, os dados novos e exclusivos) ou secundárias (que passam informações secundárias, mais generalizadas e menos essenciais para a pauta). Há também as fontes-testemunha, que fornecerão informações sobre algo que presenciaram. Neste caso, o relato pode ser modificado devido à carga de subjetividade e emoção, além da perspectiva sob a qual o indivíduo presenciou o fato. Com estas fontes, o jornalista precisa ter cuidado

redobrado. Os testemunhos mais confiáveis em relação à exatidão são os mais imediatos, sobre fatos que aconteceram recentemente, já que a memória a curto prazo é mais fidedigna. No entanto, os testemunhos sobre acontecimentos mais antigos são mais consistentes e menos confusos, normalmente contados em forma de narrativa e ressaltando os aspectos mais importantes. Dessa forma, é preciso que o repórter saiba lidar com as vantagens e desvantagens de ambos, extraindo deles o máximo possível. Uma maneira segura de lidar com este tipo de fonte é checar a informação com outras fontes diferentes, de preferência que não se conheçam, verificando se todas apresentam as mesmas versões dos fatos. Para escrever “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta”, onde a maior parte das fontes de Caco Barcellos pertencia a esta última categoria (fontes-testemunho), o jornalista utilizou este método de verificação para confirmar a veracidade dos depoimentos.

Hoje, um grande volume de informações chega até o jornalista através de um tipo específico de fonte oficial: as assessorias de imprensa, de forma geral. No entanto, como esses profissionais trabalham para pessoas ou instituições específicas, a informação que chega vem dotada de interesses pessoais, o que de certa forma prejudica a busca pela neutralidade e imparcialidade jornalística. Assim sendo, as assessorias de imprensa configuram-se como um tipo de fonte à parte, representando de forma explícita os interesses de seus contratantes. Por isso, apesar de serem muito úteis em determinadas matérias, os assessores de imprensa não são as fontes mais valiosas do jornalista, aquelas que fornecerão informações exclusivas, relevantes e até mesmo bombásticas. Essas últimas sim, normalmente são as que colaboram com as melhores e mais importantes matérias e reportagens, e por isso muitas vezes são exclusivas e protegidas.

Uma fonte deste tipo pode ter seu nome ocultado ou não. O jornalista deve, primeiro, convencer o interlocutor a assumir o que diz. “Se esse esforço for inútil, a fonte pode obter a garantia do sigilo, mas sob a condição da confirmação das informações fornecidas” (CORNU, 1999, p. 87). Alguns dos principais fatores que interferem nessa decisão são: a solicitação da fonte em ter seu nome e/ou imagem omitidos, a questão da segurança da fonte (se o seu nome for revelado, pode-se colocar sua vida em risco), a necessidade do jornalista em proteger o caráter exclusivo de sua fonte ou até mesmo para evitar represálias ou punições judiciais. Apesar de muitas vezes a omissão ser necessária, por alguns dos motivos citados ou por qualquer outra razão, algumas redações exigem que

o jornalista ofereça a identidade da fonte para ao menos um editor, como forma de garantir a credibilidade da informação e, conseqüentemente, da matéria e do veículo. No entanto, esta é uma prática irregular, já que “é direito do jornalista resguardar o sigilo da fonte”, segundo Artigo 5º do Capítulo II do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ). No Brasil, não há norma jurídica que imponha a quebra do sigilo. Ampara-se na Constituição Federal do Brasil, em seu Artigo 5º inciso XIV, que resguarda “o sigilo de fonte, quando necessário ao exercício profissional”¹². Entende-se que o jornalista, ao omitir a fonte, assume o que foi revelado por ela, respondendo civil e criminalmente. Porém, para estabelecer parâmetros em relação a esta polêmica e delicada questão, muitos veículos possuem manuais ou diretrizes internas para orientar seus profissionais. Segundo os jornalistas Norma Alcântara, Manuel Carlos Chaparro e Wilson Garcia:

Em geral, esses documentos cuidam de conceituar a fonte e resolver questões diversas da relação com elas: o que é fonte; o direito ou a conveniência de ficar no anonimato ou de ser identificada (fontes *on e off*); a veracidade da informação e a idoneidade da fonte; o cultivo do bom relacionamento com a fonte pelo profissional do jornalismo; e questões como a intimidade e os riscos de submissão à fonte, acordos com favorecimentos mútuos, dissimulação de intenções, cuidados na elaboração dos textos e, enfim, procedimentos de proteção da fonte.¹³

Mas como se garantir a confiabilidade das fontes e a veracidade das informações que são passadas? Porque alguém confiaria segredos a um estranho (no caso, o jornalista)? Segundo os cientistas sociais da corrente funcionalista (principalmente Lazarsfeld, Kennedy e Merton) que estudaram a comunicação humana na década de 1940, os homens consideram crucial ser aceitos socialmente e, por isso, desenvolvem atitudes cooperativas; trata-se de algo que se molda ao longo do processo de socialização dos indivíduos. Já em relação à confiabilidade das informações passadas pelas fontes, podemos recorrer às “Máximas de Grice”, de Paul Grice, que aborda o procedimento padrão de pessoas envolvidas numa conversa *bona fide* (de boa fé). Nelas, a “Máxima de Quantidade” diz que a fonte deve informar tanto quanto seja necessário, mas não mais que o necessário. Já a

¹² Constituição da República Federativa do Brasil.

¹³ ALCÂNTARA, Norma; CHAPARRO, Manuel Carlos; GARCIA, Wilson. “Fontes e jornalistas: as razões de ser e agir”. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/fontes_e_jornalistas_razoes_de_ser_e_agir. Acessado em: 04/05/2014

“Máxima de Qualidade” ressalta a importância de não se dizer o que acredita ser falso e muito menos o que não se tem evidências, garantindo a veracidade das informações. A “Máxima da Relação” aponta a necessidade de ser relevante, enquanto a “Máxima da Maneira” aborda a importância da fonte em ser clara, breve e ordenada, evitando expressões vagas e ambíguas. (GRICE, 1975). Além disso, é preciso que o jornalista conheça as intenções da fonte, garanta que não há nenhum interesse pessoal ou financeiro na divulgação das informações (comprometendo sua credibilidade) e, acima de tudo, cheque a veracidade do que lhe foi contado antes de publicar. A relação entre a fonte e o jornalista deve ser de confiança mútua, e as intenções de ambos com esta relação devem ser claras e explícitas. Desta forma, é preciso, por parte do jornalista, uma grande cautela e atenção em relação aos dados fornecidos por suas fontes, seja ela qual for. Este cuidado e checagem são fundamentais para a credibilidade do repórter e do veículo que ele representa.

Conhecer a fonte é distinguir os propósitos do sujeito promotor da ocorrência, ou as intenções do intermediário ou do testemunho, de quem (pessoa ou instituição) fornece dados mediante os quais se mede o peso do acontecimento noticiável. Sem esse prévio conhecimento da política informativa da fonte, sem essa atividade cognitiva fundamental, não poderá o comunicador da informação de atualidade distinguir, na maré das circunstâncias e ângulos que concorrem para torná-los visíveis e despercebidos, os autênticos valores e aspectos com que irá preencher as lacunas, os vazios da informação, habilitando-o a dar à mensagem aquela transparência e complementação, sem a qual o receptor continuará mal informado ou, pior ainda, passível de trocar seu status do titular do direito de ser informado pelo de tutelado sem poder ou capacidade decisória. (BELTRÃO, 1980, p. 74)

Estabelecidos o contato e as regras com a fonte, a atitude do jornalista perante os depoimentos é aquela de quem presta atenção, mas interfere o mínimo possível. A melhor aparência é neutra e convencional, o que inclui certa adaptação ao ambiente. Em um “jornalismo ideal”, busca-se o máximo de distanciamento emocional possível em relação à fonte, não permitindo que a relação interpessoal entre ambos influencie o resultado final da apuração, seja sob que aspecto for. Neste sentido, é preciso compreender e colocar na prática que se trata de uma relação profissional, e que relações pessoais e suas implicações podem ocasionar interferências negativas na apuração e resultado final da matéria,

comprometendo sua isenção e neutralidade. Esse distanciamento estratégico é importante e ético, e o repórter precisa estar atento para saber até que ponto a relação é profissional ou de amizade, já que a segunda pode interferir diretamente na primeira. Assim, um dos grandes desafios da atividade jornalística é manter-se isento e respeitar os limites profissionais, buscando sempre priorizar as informações imparciais com valor de notícia, e não beneficiar, de forma alguma, a fonte de quem se obtém estas informações. É a armadilha de passar, sem perceber, da cordialidade para a cumplicidade. Como afirma o ombudsman do *New York Times*, Margaret Sullivan, “Na teoria, a maioria dos jornalistas concorda com este princípio: não é boa a ideia de ficar demasiado próximo de suas fontes. Cordialidade, sim; intimidade, não. Na prática, é um caminho que pode estar cheio de minas terrestres”¹⁴.

Em 2012, no 7º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo, a editora de Política e colunista do jornal Valor Econômico, Maria Cristina Fernandes, destacou que o jornalista cria laços com fontes com o tempo e isso exige maturidade do profissional para que não vire um laço de amizade. Segundo ela, “É uma relação difícil. Os jornalistas devem manter aproximação com as fontes, mas com certa distância, pois as fontes sempre terão algum interesse”¹⁵. Neste sentido, é recomendável haver um distanciamento sadio entre ambos, diminuindo as chances do repórter falhar com sua ética jornalística, não transmitindo a verdade aos leitores.

Entretanto, é preciso reconhecer que embora a relação entre ambos tenha um cunho profissional e que o distanciamento e isenção por parte do jornalista seja fundamental para uma apuração o mais neutra e imparcial possível, a relação entre dois indivíduos envolve inevitavelmente determinada carga de subjetividade, principalmente nos casos em que a apuração é extensa e a relação com a fonte envolve um longo período de convivência, em que a aproximação gradual entre ambos ocorre de forma natural.

A teoria do *newsmaking*, que se articula sobre o *modus operandi* das empresas jornalísticas, defende que o processo de produção da notícia é planejado como uma rotina industrial, possuindo três vertentes principais: a cultura profissional dos jornalistas, a

¹⁴ SULLIVAN, Margareth. “Distância sadia entre jornalistas e fontes”. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed793_distancia_sadia_entre_jornalistas_e_fontes. Acessado em: 06/05/2014

¹⁵ Disponível em: <http://congressoabraji2012.wordpress.com/2012/07/14/jornalistas-debatem-relacao-de-amizade-e-comportamento-etico-entre-imprensa-e-fonte/>

organização do trabalho e os processos produtivos (PENA, 2006). Nela, o critério de noticiabilidade é definido como “o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos” (WOLF, 2005, p. 195). Seu principal componente, para realizar essa “filtragem”, são os valores-notícia, que indicam a importância e valor do fato para definir se ele deve ou não ser noticiado. Responsável pelos estudos envolvendo rotinas produtivas no jornalismo, o *newsmaking* comporta formas metodológicas diferenciadas para explicar o que é visto na prática da profissão. Para isso, os estudos etnográficos originados da antropologia se adequam muito bem quando se quer investigar a rotina de um determinado grupo social ou profissional. Aliada a este método, têm-se a observação participante na busca de entender de forma detalhada o comportamento dos sujeitos. Sendo assim, seus estudos atuam no sentido de melhor entender a mediação simbólica dos meios de comunicação de massa, estendendo as análises às limitações e condições produtivo-profissionais imbricadas na construção dos textos.

As pesquisas de *newsmaking*, que se inserem na sociologia do jornalismo, se articulam principalmente em investigar a cultura profissional dos jornalistas e investigar a organização do trabalho e dos processos de produção. Analisadas por Mauro Wolf (2005), têm em comum a técnica da observação participante (abordagem etnográfica), conversas mais ou menos informais e ocasionais e verdadeiras entrevistas, conduzidas com os que desenvolvem os processos de produção. O jornalista pode ter uma postura de observador passivo ou uma postura mais participativa, mas de qualquer forma, mais cedo ou mais tarde, corre-se o risco de entrar no estágio *going native*, no qual a função do observador se confunde com a de participante da atividade observada. Assim, o autor aponta problemas no observador participante, que pode ter muita proximidade do objeto pesquisado, influenciando o resultado da pesquisa. Eugênio Bucci também aponta este problema ao discorrer sobre as fontes jornalísticas:

Ser independente da fonte é um desafio clássico e já bastante conhecido. Trata-se de não permitir que a proximidade necessária entre o repórter e sua fonte se transforme na cooptação do repórter pela fonte: sem notar, o primeiro começa a adotar os pontos de vista da segunda, começa a usar o seu linguajar e a desenvolver espontaneamente raciocínios que não são próprios nem do veículo em que ele trabalha nem do público ao qual ele se dirige, mas dela, fonte. (BUCCI, 2000, p. 18)

Da mesma forma, é nesse mesmo sentido que a relação fonte/jornalista pode ser inserida, nos casos em que o profissional se aproxima a tal ponto de seu informante que acaba se inserindo no seu mundo, de forma naturalizada. Nesta fase, não há um limite nítido entre ambos – pesquisador e pesquisado, jornalista e fonte – pois o primeiro quebra a barreira do distanciamento e deixa de observar tudo de forma não-participativa, se tornando um participante ativo – que produz interferências – na rotina da fonte e de seu meio, ocasionando interferências no resultado final da pesquisa. O *going native* é, assim, um risco iminente para qualquer jornalista que se relacione com uma fonte, especialmente nos casos em que a pesquisa é longa e acarreta em um maior convívio entre ambos. No caso de Caco Barcellos, os cinco anos de pesquisa para a produção de “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta” causaram uma inevitável aproximação entre o jornalista e o traficante Marcinho VP, sua principal fonte. Em dado momento, a relação entre eles não era apenas profissional, mas também de amizade, como podemos observar no seguinte trecho do livro:

O jogo já havia começado quando chegamos à bilheteria do estágio em Buenos Aires. Compramos os ingressos mais baratos, de acesso às populares. A polícia nos obrigou a entrar pelo lado onde estava concentrada a torcida do Boca Juniors, o time do maior jogador argentino de todos os tempos. (BARCELLOS, 2003, p. 476).

Além disso, Caco Barcellos chegou a ser procurado pela polícia da Argentina, durante o período em que Marcinho VP estava foragido no país e encontrava-se diariamente com o jornalista: “Sem saber que estávamos sendo procurados por dezenas de policiais no centro de Buenos Aires, eu e Juliano nos encontrávamos durante o dia nas ruas do comércio mais movimentadas” (BARCELLOS, 2003, p.490). Em um outro episódio, o traficante salvou a vida do repórter na Argentina, quando um grupo de assaltantes tentou esfaqueá-lo. Se não fosse a chegada e intervenção de Marcinho VP, Caco Barcellos reconhece que o pior poderia ter acontecido, mais uma evidência que mostra a aproximação entre ambos e que a relação não era meramente profissional, mas também envolvia certa dose de cumplicidade e emotividade.

Em relação ao relacionamento com suas fontes, muitas delas personagens reais do livro, ele explica em uma entrevista:

É uma coisa delicada mesmo, em qualquer trabalho de reportagem que a gente faça. E o livro é uma reportagem com extrema profundidade, comparando com as que normalmente a gente faz. Eu não consigo me aproximar sem me envolver. Agora, por conta do meu dever profissional, eu procuro sempre manter um distanciamento razoável, mas é muito difícil, porque as pessoas não permitem o distanciamento, elas estão sempre forçando alguma forma de envolvimento. Mas elas sempre foram absolutamente respeitadas, até talvez auxiliadas pela minha postura de ficar ali como observador.¹⁶

Para preservar sua principal fonte, Caco Barcellos foi omissos em relação à sua localização no período em que o traficante era um foragido da polícia. Sabia o seu paradeiro, encontrou-se com ele diariamente durante várias semanas em Buenos Aires, hospedou-se no mesmo hotel e ajudou Marcinho VP a se esconder da polícia, tomando todos os cuidados para que o mesmo não fosse localizado e até mesmo o ajudando algumas vezes em que foi necessário fugir das autoridades. Neste sentido, Caco Barcellos falhou com o compromisso ético de todo jornalista em buscar a verdade e ser imparcial, já que sabia o paradeiro do traficante e não cumpriu seu papel cívico de informar à polícia. No entanto, paradoxalmente, também cumpriu seu papel de preservar sua fonte. Em uma relação de confiança mútua, a fonte confiou seus segredos e depoimentos ao jornalista, que em troca preservou a localização do foragido. E, além disso, o fato é que se Marcinho VP fosse localizado pela polícia e preso naquele momento, a produção do livro estaria comprometida, o que também não era do interesse do jornalista. Apesar das justificativas, este episódio rendeu severas críticas à ética de Caco Barcellos, que foi acusado por muitos de omitir a verdade e proteger um bandido. A conivência do repórter é explícita no livro:

O endereço secreto chegou a minha casa por fax, lacônico: “Del Mayo 1111”. Era uma avenida das mais movimentadas do centro de Buenos Aires. Eu viera de ônibus do aeroporto para ter a certeza de que não estava sendo seguido por nenhum policial brasileiro, ou argentino, ou americano da DAE, a Agência de Combate às Drogas. (BARCELLOS, 2003, p. 468)

Outras questões éticas também foram duramente criticadas na época em que o livro foi lançado, em 2003. Além da relação próxima entre Caco e o traficante Marcinho VP, o

¹⁶ “Caco Barcellos fala sobre Marcinho VP, o Robin Hood do tráfico”. Disponível em: http://www.piratininga.org.br/novapagina/leitura.asp?id_noticia=289&topico=Direitos+Humanos. Acessado em: 04/05/2014

fato de o jornalista ter tido acesso às mais diversas informações sobre o narcotráfico que seriam de enorme valia para a polícia e que não foram delatadas pelo mesmo são outro ponto bastante discutido. No livro, há dezenas de cartas na íntegra que foram enviadas entre os integrantes do Comando Vermelho, a maior facção criminosa do Rio de Janeiro, inclusive cartas enviadas por ou endereçadas a alguns dos dirigentes da organização que estavam presos na cadeia de segurança máxima em Bangu. As cartas continham informações importantes e valiosas sobre o funcionamento do tráfico de drogas, as ações dos traficantes, as ordens dos dirigentes e os acontecimentos dentro do Comando Vermelho. Ordens de assassinato, articulações sobre invasão de favelas, disputas de poder e muitas outras informações sobre o crime organizado. Mesmo com todas essas informações em mãos, o jornalista não as utilizou para denunciar as ações à polícia. Outro agravante era que o mesmo tinha conhecimento de que havia uma comunicação efetiva entre os traficantes em liberdade e os que estavam na cadeia. Ordens e instruções eram enviadas rotineiramente pelos dirigentes da facção que estavam presos, o que não dificultava, atenuava e muito menos impedia as ações do narcotráfico no Rio de Janeiro. Ter acesso a uma informação como essa resultaria em algo muito maior: a denúncia de falhas nos presídios de segurança máxima e da existência de esquemas de corrupção de agentes penitenciários dentro das cadeias. No entanto, essas informações só foram de conhecimento geral – inclusive da polícia – após a publicação do livro, cinco anos depois do início da pesquisa.

Sem tiros e sem mortes, a imprensa e a polícia não tomaram conhecimento da mudança de poder no Tabajara. Os detalhes da conquista e as suas imediatas consequências foram explicados por Juliano numa nova carta enviada aos dirigentes do Comando Vermelho na cadeia de Bangu. Segue carta na íntegra. (BARCELLOS, 2003, p. 529)

Em um dos capítulos de “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta”, o jornalista conta o polêmico caso do cineasta João Moreira Salles, que conheceu Marcinho VP durante as gravações do documentário “Notícias de uma guerra particular”. Após observar a personalidade peculiar do traficante - inteligente, idealista e com pensamentos revolucionários -, o cineasta ofereceu-lhe a chance de escrever um livro, que seria sua autobiografia. Para isso, comprometeu-se em pagar uma espécie de mesada de mil dólares

para financiá-lo neste projeto. Em troca, Marcinho VP precisou dar sua palavra de que abandonaria o tráfico, fato que nunca chegou a acontecer. A mesada, inclusive, foi utilizada para financiar a fuga do traficante para a Argentina durante o período em que ele era mais procurado pela polícia do Brasil. O escândalo da ajuda financeira caiu como uma bomba na imprensa carioca. Através de escutas telefônicas, a polícia havia descoberto o envolvimento do herdeiro do Unibanco com o chefe do Dona Marta. Para evitar um escândalo maior, João Salles deu uma entrevista ao jornal O Globo explicando as razões que o levaram a ajudar o traficante. Na época, a atitude do cineasta dividiu opiniões na mídia e ocasionou uma superexposição de Marcinho VP, dando a ele uma enorme projeção nacional, como se fosse o bandido mais importante do país, embora estivesse em uma fase decadente e falida, sem credibilidade dentro do morro e de sua facção criminosa. Após mais um escândalo envolvendo seu nome (além do episódio do Michael Jackson), Marcinho VP passou a ser questão de prioridade para o governo e para a polícia do Rio de Janeiro, aumentando ainda mais a caçada contra ele. Quando o cineasta confessou à polícia seu envolvimento com o traficante, contou também sobre o livro que Caco Barcellos estava produzindo, o que acabou atrapalhando o processo de produção. “A polícia não me ameaçou, mas bastava me seguir e prender todo mundo. E a minha função não era a de punir as pessoas. Se quisesse, era só apontar. Mas o que ia acrescentar? Mais um bandido na cadeia com outros 500”¹⁷, afirmou em uma entrevista para Tatiana Engelbrecht da revista Isto é Gente.

Com o uso de pseudônimos, o jornalista conta a história do Santa Marta e de Marcinho VP e dos diversos personagens que se inserem direta ou indiretamente nessa história. Alguns nomes são omitidos, outros são relevados sob forma de pseudônimos, como forma de proteger suas fontes, sejam elas criminosas ou não. Este foi um critério adotado por Caco Barcellos para contar uma história real sobre o crime sem precisar mutilar a verdade e sem prejudicar aqueles que confiaram a ele os seus depoimentos, seja um criminoso ou não. Apesar disso, o jornalista declara que todas as informações presentes no livro são verdadeiras e foram devidamente apuradas e checadas antes de serem publicadas, em um processo cuidadoso e detalhado de seleção dos depoimentos e assuntos e também de verificação da autenticidade dos mesmos.

¹⁷ Entrevista de Caco Barcellos para a jornalista Tatiana Engelbrecht da revista Isto é Gente. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoegente/201/entrevista/index.htm>

Tive mais trabalho para limpar os exageros do que propriamente para conquistar a confiança deles. Porque é um dos lugares de maior concentração humana do mundo, são doze mil pessoas numa linha horizontal no meio da floresta. Todo mundo se conhece, por viverem amontoados, e todo mundo conhece a história de todos. Então, quando acontece um crime no morro, provavelmente doze mil pessoas sabem em detalhes. É a versão da versão da versão. E não sei se consegui limpar todos os exageros. Acredito que mentira deliberada não houve, ninguém veio com a intenção de mentir. O que aconteceu muito é que veio com a intenção de impressionar.¹⁸

Uma medida preventiva adotada por Caco Barcellos durante a produção do livro foi um acordo com Marcinho VP e suas outras fontes de só ter conhecimento de acontecimentos do passado, por ser algo que já estava consumado e não poderia ser mudado. Fatos do presente ou do futuro, que ainda teriam possibilidade de intervenção por parte do jornalista (como assassinatos ou rebeliões), não seriam contados pelas fontes. Era uma forma de se resguardar da responsabilidade civil de intervir nesses casos, garantindo seu compromisso ético como jornalista e como cidadão. Além disso, era uma forma de garantir a confiança das fontes também, pois caso algum plano vazasse, Caco teria a segurança de não estar entre os possíveis delatores.

Quando se comprometeu em colaborar e ser o personagem principal do livro de Caco Barcellos, Marcio Amaro de Oliveira sabia o risco que estava correndo por revelar informações secretas sobre o tráfico de drogas e sobre as facções criminosas do Rio de Janeiro. Embora fosse citado no livro por seu codinome, Juliano, era inevitável identificá-lo. E esta nem era mesmo a sua intenção ou a de Caco Barcellos. O grande problema é que no livro vários outros traficantes foram citados e tiveram suas histórias contadas, mesmo usando-se codinomes. A superexposição despertou a ira de vários deles, inclusive membros do Comando Vermelho. Poucos dias após a publicação do livro, agentes do Serviço de Inteligência da Secretaria de Administração Penitenciária (Seap) interceptaram no presídio Doutor Serrano Neves (Bangu 3), onde Marcinho VP cumpria prisão, um telegrama endereçado ao traficante, com ameaças de morte. O remetente do telegrama era o também traficante Márcio dos Santos Nepomuceno, o Marcinho VP do Complexo do Alemão, que na época estava preso no presídio Bangu 1. O telegrama dizia "Cala a boca, senão você vai

¹⁸ Entrevista de Caco Barcellos à jornalista Melissa Crocetti. Disponível em: <http://melissacrocetti.wordpress.com/2010/07/14/entrevista-com-o-jornalista-caco-barcellos/>

para a vala. Você está querendo aparecer demais". Mesmo depois da descoberta do telegrama, Marcinho não pediu para ser colocado no "seguro" (cela destinada para presos jurados de morte), segundo o então secretário estadual de Administração Penitenciária, Astério Pereira dos Santos. Assim, no dia 28 de julho de 2003, dois meses após a publicação de "Abusado: o Dono do Morro Dona Marta", Marcio Amaro de Oliveira foi encontrado morto por asfixia dentro de uma lixeira, coberto com os livros que tanto gostava de ler. Até hoje não se sabe exatamente quem encomendou o assassinato do traficante, mas os principais suspeitos são os também traficantes Márcio Nepomuceno, o Marcinho VP do Alemão, e Ronaldo Pinto Soares e Silva, o Ronaldinho da Ladeira dos Tabajaras chamado no livro pelo pseudônimo de "Claudinho", que ficaram extremamente irritados ao ver suas histórias expostas no livro.

A associação do assassinato com a publicação do livro foi inevitável. O conteúdo expunha detalhes demais sobre o narcotráfico e seus membros mais importantes, tudo delatado por Marcinho VP. As informações ali contidas poderiam prejudicar muito os traficantes citados e até mesmo o funcionamento do tráfico. Os depoimentos de Marcio Amaro de Oliveira e as quase 600 páginas do livro eram uma ameaça para os criminosos, que se tornariam alvo fácil da polícia. Segundo o Artigo 6º parágrafo VI do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, é dever do jornalista "não colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais com quem trabalha" (FENAJ, 2008). No entanto, antes de iniciar o processo de produção do livro, Caco Barcellos informou o traficante sobre todos os riscos, já que sua identificação seria inevitável:

A primeira coisa que eu disse pro Juliano foi: 'Tenho certeza de que este livro pode representar um enorme risco de morte e de cadeia.' Ele disse: 'Olha, não quero saber, vou morrer de qualquer maneira, quero deixar um depoimento para o meu filho.' O filho dele estava com 12 anos e ele estava com medo de que ele entrasse pro tráfico e ele não queria isso de jeito nenhum.¹⁹

Mesmo assim, o traficante não teve medo de se expor e sofreu as consequências de sua decisão. E neste caso, não é possível condenar a ética do jornalista, já que sua fonte sabia que não seria possível omitir sua identidade e, mesmo assim, aceitou assumir os

¹⁹ Entrevista de Caco Barcellos à jornalista Melissa Crocetti. Disponível em: <http://melissacrocetti.wordpress.com/2010/07/14/entrevista-com-o-jornalista-caco-barcellos/>

riscos. Foi uma consequência previsível e até mesmo inevitável dentro do universo do tráfico onde “X9” (delatores) não tem perdão.

Não se pode esperar relatos isentos de opinião nas páginas do livro. Caco Barcellos toma partido e se posiciona claramente: está do lado daqueles que não tem voz na grande mídia, os excluídos da sociedade. Entretanto, isso não significa que o jornalista distorce a realidade, apenas a torna menos artificial, mais humana, com as diferenças tratadas de maneira profunda e sem estereótipos. Ele não está do lado do crime ou do traficante: está do lado da verdade, da realidade nua e crua das favelas, da vida como ela é e não apenas o que a mídia tradicional tem interesse e espaço de retratar. Caco Barcellos mostra assim aos leitores uma realidade desconhecida e pouco explorada até então, tornando este um livro de grande utilidade não só para os jornalistas que desejam fazer uma reportagem tão complexa e extensa quanto esta, mas principalmente para a sociedade e para a segurança pública que passaram a conhecer melhor o *modus operandi* do narcotráfico, um dos maiores problemas do Brasil e do mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, o jornalismo de Caco Barcellos foi dissecado a ponto de ser possível compreender de forma mais clara as motivações, pessoais e profissionais, que o fizeram escolher apurar uma temática tão perigosa e obscura quanto o tráfico de drogas, se envolvendo durante os cinco anos de pesquisa do livro com indivíduos das comunidades – bandidos e não-bandidos – e se expondo a diversas situações de risco.

Analisar e compreender o valor de “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta” como material jornalístico foi possível graças à veracidade das informações contidas na obra, bem como a seriedade na forma de apuração por parte do jornalista, que teve o cuidado de checar as versões das histórias contadas através dos depoimentos. Da mesma maneira, foi de suma importância compreender as características do jornalismo literário e da escolha narrativa utilizada pelo autor, que embora possua inúmeros traços da literatura, é um material verídico e por isso pode ser considerado uma obra de não-ficção. Embora a história seja contada em forma de romance – técnica utilizada pelo jornalista para tornar uma narrativa tão extensa e complexa atraente à leitura – não é possível dizer que Caco Barcellos teve a intenção de romantizar ou glamourizar a figura do traficante, apenas o enxergou e o retratou de maneira diferente daquela reproduzida na mídia, que os retrata de maneira simplista e superficial. Assim, Caco Barcellos procurou mostrar ao leitor que o traficante, apesar de ser um fora da lei, também se assemelha em muitos aspectos a qualquer um de nós, sendo um ser humano submetido a fraquezas e todo tipo de influências externas que contribuem, de forma mais ou menos significativa, para suas escolhas de vida. E compreender tal questão é fundamental para identificar a raiz do problema do tráfico de drogas e, quem sabe assim, um dia conseguir deter este comércio ilegal que cresce a cada ano e que está diretamente ligado ao tráfico de armas e à violência. Entender as circunstâncias que levam milhares de jovens a serem aliciados pelo narcotráfico e conhecer de forma mais abrangente e próxima o *modus operandi* das favelas e das facções criminosas é, desta forma, um passo fundamental. E Caco Barcellos procurou conhecer essas realidades com um olhar despido de pré-conceitos e medo. Inseriu-se no mundo de um chefe do tráfico e se aproximou desta realidade como nenhum outro jornalista brasileiro havia feito até então sob esta mesma ótica. Pesquisou e apurou sem julgar ou condenar as

atitudes de ninguém, atuando apenas como um pesquisador que está ali para conhecer seu objeto de estudo. Este posicionamento do jornalista foi crucial para obter a confiança das fontes e coletar todos os dados e informações necessários para a produção do livro.

Com o objetivo de compreender a estrutura narrativa da obra, um capítulo inteiro foi dedicado a compreender os conceitos de *new journalism*, jornalismo literário e livro-reportagem, utilizando como referência teórica vários autores e jornalistas. Tal passo foi necessário para apresentar as características desses conceitos e entender suas aplicações no livro “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta”. Esta vertente do jornalismo que se aproxima dos recursos literários é um gênero que vem se consolidando cada dia mais, já que torna possível mesclar a veracidade jornalística com a riqueza estilística da literatura, produzindo reportagens com maior nível de complexidade, profundidade e detalhamento, onde a objetividade é deixada de lado em busca de uma maior riqueza de informações sobre a história. Assim, o capítulo 2 tem em seu conteúdo uma importante análise narrativa da obra, justificando a escolha de Caco Barcellos por um livro-reportagem com uma linguagem mais rica e subjetiva.

O alto nível de detalhamento físico e psicológico dos personagens – e também dos cenários – é algo característico do jornalismo literário, mas que não é bem compreendido por muitos críticos. Para estes, uma apuração jornalística deve se ater ao real, sem produzir qualquer intervenção ou modificação nos fatos narrados. E muito se coloca em questão a veracidade da narração em vários pontos do livro, especialmente nos diálogos, que foram muito utilizados pelo jornalista durante a narrativa. Esses diálogos entre os personagens do livro são escritos com características da oralidade, como uso de palavrões, gírias etc. Mas como Caco Barcellos pôde reescrevê-los de maneira tão fiel se, na maior parte das vezes, não estava presente durante essas conversas? Houve então um exagero por parte do jornalista, que recriou os diálogos enriquecendo-os com expressões e frases que não necessariamente foram ditas pelos personagens? Estes pequenos desvios do real (do literal) são permitidos na prática jornalística (ou pelo menos no jornalismo literário) ou são inaceitáveis a partir do momento que o jornalismo precisa se ater somente ao real e ser fiel aos fatos? Não apenas no caso deste livro de Caco Barcellos, mas essa discussão se estende para vários outros livros-reportagens, especialmente dos autores do *new journalism* e do jornalismo literário, onde tal prática se faz presente e onde há maior dúvida do que é

realmente verdadeiro e o que foi recurso literário na narrativa. Essa questão divide muitas opiniões, inclusive entre os próprios jornalistas. Não há um consenso definitivo, e cabe ao leitor tirar suas próprias conclusões e adotar seu próprio ponto de vista a respeito da validade desses recursos na prática jornalística.

Outro aspecto importante em relação ao livro “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta” e que foi abordado em um capítulo dedicado exclusivamente a isso foi a questão da ética e da relação entre o jornalista e a fonte. Especialmente neste caso, em que Caco Barcellos atuou como um jornalista-antropólogo para produzir a obra, imergindo no mundo de seu objeto de pesquisa, compreender o conceito de antrojournalismo foi essencial, inclusive para posteriormente chegarmos à discussão da ética jornalística. Dessa forma, o último capítulo é dedicado a apresentar ao leitor a história do livro e, principalmente, a introduzir um questionamento em relação a várias questões éticas pertinentes à obra, principalmente a relação próxima entre Caco Barcellos e sua fonte, o traficante Marcinho VP. Logo após a publicação do livro, o jornalista recebeu muitas críticas por se envolver demais com seu pesquisado, sendo inclusive conivente com o traficante em várias situações, como na ocasião em que ele estava foragido na Argentina e se encontrou várias vezes clandestinamente com o jornalista para dar continuidade aos depoimentos para a produção do livro.

A vontade do autor de ir atrás de informações sobre uma realidade tão pouco explorada e conhecida fez com que ele acabasse se envolvendo demais com os personagens, em uma relação que foi além do profissional e envolveu laços de amizade e cumplicidade. No entanto, todo esse envolvimento colaborou para que Caco Barcellos pudesse compreender e retratar melhor a subjetividade dos personagens, escolha fundamental para retratar histórias tão complexas. Porém, apesar de importante, é preciso haver um limite para tal aproximação, não deixando que o relacionamento com a fonte interfira na apuração jornalística e em seu resultado final que deve ser totalmente comprometido com a verdade. A subjetividade é valiosa e importante para a narrativa, mas a relação com a fonte não pode romper com os preceitos éticos da profissão.

Unindo a apuração com uma linguagem mais rica permitida a partir da não-obrigatoriedade da objetividade jornalística, o livro-reportagem se mostra como um produto híbrido que cada vez mais cresce no mundo, tanto em número de produções quanto em

número de leitores. Vários deles se tornaram *best-sellers* por unir a veracidade jornalística com a narrativa literária, tornando a leitura interessante e atraente. Os livros-reportagens são uma espécie de diamante lapidado do jornalismo, já que necessitam de uma apuração extensa e uma grande dedicação por parte do jornalista.

Assim, o livro “Abusado: o Dono do Morro Dona Marta” se configura como um grande expoente do gênero. E apesar das críticas em alguns aspectos, é inegável a qualidade da obra e sua contribuição social a partir do momento que destrincha sob um olhar de quem vê de dentro a realidade do narcotráfico e das favelas, sendo uma obra de leitura obrigatória para jornalistas que desejam ingressar neste gênero tão rico e complexo do livro-reportagem e também para aqueles que desejam compreender melhor as questões que envolvem a relação entre jornalistas e fontes. E para os leitores de modo geral, trata-se de uma obra incrível para quem deseja conhecer melhor a realidade do tráfico de drogas, que está tão presente no dia-a-dia mas que é tão ignorada e desconhecida pela maior parte da população.

Acima de tudo, o livro causa uma discussão saudável e importante sobre os preceitos ensinados de ética no jornalismo. Apesar disso, o valor do livro – tanto esteticamente quanto em relação ao seu conteúdo – não pode deixar de ser lembrado. E este foi o objetivo dessa monografia: compreender e analisar uma obra do jornalismo literário incrivelmente rica e plural, explorando especialmente o método antropológico utilizado pelo autor durante a pesquisa e a questão da ética na polêmica e controversa relação entre jornalistas e fontes.

6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel (org). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005.

BARCELLOS, Caco. *Abusado, o Dono do Morro Dona Marta*. São Paulo: Record, 2013.

_____. *Rota 66: a História da Polícia que Mata*. São Paulo: Record, 1993.

BELTRÃO, Luis. *Jornalismo Interpretativo*. São Paulo: Sulina, 1980.

BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CORNU, Daniel. *Jornalismo e Verdade: para uma ética da informação*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DINES, Alberto. *O papel do jornal*. São Paulo: Summus, 1986.

ERBOLATO, Mário. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. São Paulo: Ática, 2001.

FENAJ. *Código de ética dos jornalistas brasileiros*. Brasília: Federação Nacional dos Jornalistas, 2008.

FORTES, Leandro. *Jornalismo Investigativo*. São Paulo: Contexto, 2005.

GRICE, Paul. “Logic and Conversation” In COLE, Peter; MORGAN, Jerry (org). *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*. New York: Academic Press, 1975.

HUNTER, Mark Lee (org). *A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos*. Montevideú: UNESCO, 2013.

KONOPCZYK, Samantha. “Jornalismo ativo” In: LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luís. *Jornalismo Investigativo*. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

KOTSCHO, Ricardo. *A Prática da reportagem*. São Paulo: Ática, 2000.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. São Paulo: Record, 2005.

_____. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. *O que é livro-reportagem*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. *Página ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas: Unicamp, 1993.

LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luís. *Jornalismo Investigativo*. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

NUNES, Rossano Carvalho. “Antropologia”. Disponível em: http://www.gpveritas.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=54&Itemid=63. Acessado em: 16/03/2014

PAIVA, Raquel. “Mídia e política de minorias” In: BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel (org). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Vanderléa Andrade. “A pesquisa etnográfica: construções metodológicas de uma investigação”. Disponível em: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT_02_15_2010.pdf. Acessado em: 20/03/2014

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. São Paulo: Vozes, 2009.

_____. “Por um conceito de minoria” In: BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel (org). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005.

TRAVANCAS, Isabel. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus, 1993.

WOLF, Mauro. *Teorias das Comunicações de Massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.